

Musas

Revista

Fevereiro 2025

Autorretratos



30ª Edição



AUTORRETRATOS

A Maior Revista Digital do Brasil



Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.



Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional

E-mail: revistaautorretratos@gmail.com

MINHA MUSA

Nos dias da minha juventude, ela me era afeiçoada,
E a flauta de sete hastes me entregava.
A mim, sorrindo, ela ouvia; e já, suavemente,
Pelos claros ecos da floresta
Eu tocava com dedos ternos:
Ora hinos solenes, inspirados pelos deuses,
Ora a canção serena do pastor frígio.
Da manhã à noite, na sombra muda do carvalho,
Atento eu ouvia os ensinamentos da estranha donzela;
E, alegrando-me com sua recompensa parcimoniosa,
Jogando para trás os cachos da fronte amada,
Ela própria tomava a flauta de minhas mãos.
Então, encheu-se a floresta com um sopro divino,
E o coração se preencheu de sagrado encantamento.

Alexander Pushkin

Alexander Pushkin

1799-1837

O avô materno de Pushkin era de ascendência africana (ou possivelmente árabe), segundo a história, foi comprado para Pedro, o Grande, em Constantinopla por uma garrafa de rum e casou-se com uma alemã. Seu pai descendia de uma antiga família russa. O poeta, herdeiro dessa curiosa linhagem, foi educado principalmente por ineficazes tutores franceses e por uma velha ama russa. Aos dezito anos, formou-se em uma escola aristocrática em Tsarskoe Selo, não se destacando como estudante, mas já possuindo uma reputação como escritor de versos leves e licenciosos.

Nos três anos seguintes, viveu na capital do norte, onde "todos os vícios dançam no colo da insensatez". Embora estivesse nominalmente ligado ao Ministério das Relações Exteriores, dedicava-se, sobretudo, a levar uma vida boêmia e inconsequente. Suas tendências liberais e seus epigramas mordazes irritaram as autoridades, levando-as a aplicar-lhe uma punição severa. Assim, o **enfant terrible** foi enviado para o sul e, posteriormente, para sua própria propriedade. Durante esse exílio não tão desagradável, dividiu seu tempo, com persistente infidelidade, entre as criadas e a Musa.

De volta a Petersburgo, em 1826, foi celebrado pelas damas da sociedade, mas constantemente perseguido pelos censores. Aos trinta e dois anos, casou-se com uma jovem quase metade de sua idade, dona de um rosto de madona e da alma de uma coquete sem juízo. Para sustentar as necessidades da esposa, o poeta trabalhou freneticamente e, para garantir que ela fosse aceita na corte, obteve um cargo oficial. Logo, as preocupações financeiras e os problemas domésticos o entristeceram e o envelheceram.

Pushkin foi destruído pelos filisteus aristocráticos cuja aprovação ele, a contragosto, buscava. Um caso amoroso envolvendo sua esposa e seu cunhado, o Barão Dantes (D'Anthès), culminou em um duelo no qual o poeta foi mortalmente ferido, aos trinta e sete anos de idade.

Ricardo Neto

Autores nacionais

Adriana Alves

Adriana Burlamaqui

Aliine Rosa

Aline Rezende

Angela Gabriela da Silva

Anna Carolina Signorelli

Arcangela Pivetta dos Santos

Ari Göisler

Bebel Pozzi

Clarissa Machado

Diana Valentim

Dulcinéa da Rocha

Glenda Brum de Oliveira

Isabel Spagnolo

Isilda Pereira Mendes

Karen Cerutti

Karol Torres

Laila Angelica Moraes

Luana Schrader

Luiza Laura Serafim

Maria Araújo e Germano Ribeiro

Maria Nazareth Dória
Marina Faloni
Marlene Krupa
Marta Costa
Paula Aguirrezábal
Ricardo Pegorini
Roberto Souto Duarte Pinheiro
Roziane Custódio
Simone e Alexandre Fraenkel
Suélen Ferreira Moreira
Tânia Mara Macaggi Liesenberg
Thiego Milério
Vânia Coelho
Vinícius Hernandez
Viviane Cardoso
Yaci Moara

Autores internacionais

Anabela Vaz (Portugal)
Vânia Sofia Duarte Santos (Portugal)
Vieirinha Vieira (Portugal)

EDITORIAL

Bem-vindos à Revista Autorretratos, onde a literatura transcende fronteiras e conecta leitores e autores em uma celebração da criatividade e do pensamento crítico. Como projeto independente, temos o compromisso de dar voz a novos talentos, preservar a riqueza cultural da literatura brasileira e internacional, e explorar as nuances da experiência humana através da poesia, da prosa — contos e crônicas — e de ensaios e artigos contemporâneos.

Mais que uma revista, cada edição é um farol que ilumina caminhos literários. Publicada mensalmente em formato digital e impresso, cada número possui registro exclusivo na Câmara Brasileira do Livro (CBL), destacando sua singularidade como uma expressão artística completa. A Revista Autorretratos busca oferecer aos leitores uma experiência contínua e transformadora. Nosso objetivo é ampliar horizontes e abrir espaço para histórias que provocam, inspiram e ressoam com o mundo ao nosso redor.

Em 2024, nos consolidamos como um nome em ascensão no cenário literário nacional: 614 mil visualizações e mais de 10 mil downloads digitais reafirmaram a força do nosso projeto. Expandimos nossa presença física com 480 exemplares impressos distribuídos no Brasil e na Europa, e celebramos a estreia de 288 novos autores, cujas narrativas enriqueceram ainda mais nossas páginas. E alcançamos um recorde recente: 50 autores reunidos em uma única edição, consolidando nossa identidade como um espaço literário global e vibrante.



EDARTI: 2025000-02.
ISBN: 978-65-01-31630-7. 30ª EDIÇÃO

Fevereiro, 2025

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

O Studio de ilustrações digitais
da Revista Autorretratos
(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS

POESIA



AROMA DE ALECRIM

Sussurros acolhidos por abraços
palavras ardentes
com gosto de alecrim
no ar, um aroma cor carmim

Stop no tempo
Stop no temor
Só há lugar para o amor

Crepúsculos de Maio
revelam teus lábios
beijos do Sol na terra

com pétalas de Outono
colorindo meus passos
sonhos e temperos de um lugar sagrado
procuro em teu rosto um mistério

sempre intrépido
sempre doce
sempre em mim
pimenta com aroma de alecrim

Tânia Liesenberg



Nasceu em Curitiba,Paraná . Sentiu despertar sua paixão e a magia pelas letras durante a adolescência , ainda em sua vida escolar . Graduada em Letras – Licenciatura Plena Português e Inglês na Universidade Tuiuti do Paraná - UTP . Logo após cursou pós -graduação em Língua Inglesa e Gestão Escolar. Residente em Blumenau , atua como professora nas disciplinas de Português , Inglês e Literatura. É membro da SEB (Sociedade dos Escritores de Blumenau) desde 2017 e da AJEB(Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil) desde 2023. Publicações com poemas autorais: Um Rio de Letras – Volume V Antologia Poética pela Sociedade dos Escritores de Blumenau (SEB) | Um Rio de Letras – Volume VI Antologia Poética pela Sociedade dos Escritores de Blumenau (SEB) | Antologia Fé, Esperança e Poesias 2 Editora Contos Livres | Antologia Amor com Canela - Sentimentos intensos Editora contos Livres.



ÁGUAS AMNIÓTICAS

estrada espera mãe

o que vem depois?

sob o quadro esquecido na parede do teu útero escrevo
coisa qualquer
que não me deixe cair

com penugem vermelha nas mãos arranco
balas em mim

não sei como contar

que continuo

ventre sussurra quintais
às águas acariciadas
de minha mãe

vó
esquece
lembrar sempre
rasga

brincando percorro
a ossatura de minhas avós

coroadada pela bacia tua
danço pés
que me devolvem
a vida

Yaci Moara



Yaci Moara é a junção de dois nomes femininos de origem Tupi Guarani: “lua - entidade feminina -” e “aquela que auxilia no nascimento”. Assim sua nomeação vem da necessidade de personificar a escrita conjunta de duas autoras, que de mãos dadas percorrem o caminho vívido da palavra como um pedido de salvamento.



TERRA DO NUNCA

Eu saí da Terra do Nunca e não consegui voltar
Acho que talvez tenha desaprendido a sonhar
Voar nas asas da imaginação
Pensamentos que te tiram do chão

Talvez tenha esquecido das fadas
Talvez tenha traçado o meu fado
Talvez tenha esquecido que o sonho
É tesouro a ser desvendado

Olhar toda noite as estrelas
O caminho da minha quimera
Lembrar que um dia fui, sim
A criança que se perdeu em mim

Voltei a terra do crescer
Que todos julgam ser tudo
Me perdi no que achava ser encontro
Não sou mais a criança do conto

Eu saí da Terra do Nunca e não consegui voltar
Me perdi ao gente grande me tornar
Agora sem fadas e meninos perdidos
É apenas vida de atos comedidos.

Roberto Souto Duarte Pinheiro



Sou Roberto Souto Duarte Pinheiro, 58 anos, sou médico veterinário e professor de inglês. Como um grande entusiasta das artes, dedico grande parte de meu tempo escrevendo poesia, fotografando e desenhando. Sou um profundo admirador e defensor da natureza, por isso me auto denomino em minha página de Instagram como “Poeta da Natureza”. Minha poesia é bastante diversificada e através das mesmas faço minhas reflexões sobre a vida e a morte, o envelhecer, os amores e as flores, objeto de muitas de minhas poesias. Aproveito também esse espaço poético para fazer críticas sociais onde questiono as guerras e a violência que nos cerca. Enfim, a poesia é meu lugar de fala, bem como a fotografia, através da qual retrato a natureza, tentando dar a devida notoriedade à esta. Estou constantemente no Instagram na página @roberto-soutoduartepinheiro. Lá o público encontra minha poesia e minhas fotografia, que são as duas principais formas de arte pelas quais me expresso.



(VALEU A PENA)

Nesta linha complexa da minha simplicidade,
Onde a bondade me torna tão abundante.
E os desafios me fazem ir... mais além de.

Nesta minha introversão, extrovertida.
Desta exposição, invisível,
Onde caminho num ir e voltar.
Onde largo sem nunca tocar!

Nesta minha vontade desinteressada,
num interesse permanente.
Onde cada passo escolho o pé direito,
sem que o esquerdo fique..

Como se deseja-se o equilíbrio,
E reconhece-se, os dois lados da moeda.

Me faz girar!
Que tonta.

Esta vivacidade que me cansa!
Este cansaço que me faz verdadeiramente viver.

Oh, que vida que me mate!
Numa morte que me faz viver.

Fragmenta-me, numa individualidade.

E apresenta-me única!

Eu que sou tu,

Num tu, que és eu.

E nós damos os nós que deslaçamos,

Todos nós!

E caminhamos como crianças,

que se abraçam depois da birra.

Que se desculpam depois do empurram,

que se amam acima de tudo.

Nesta vida que pulsa em mim mesmo baixinho,

sussurro bem devagarinho:

“Sempre vale a pena, quando a alma não é pequena”.

Vieirinha Vieira



Nasci em 1976 no distrito do Porto/ Portugal. Nome próprio Cláudia Vieira. Formação: Psicanálise e espiritualidade, Participação em + 100 livros como co-autora, autora de 8 livros. Membro e fundadora de diversas associações de letras, musical e artes. **Distinguida com diversos prêmios e honras.** Escriturária há 25 anos numa firma de exportação/importação. Blogger: peemviagem.blogspot.com



TE QUIERO LUCY

Sus ojos azules son como
la lluvia
que cae todas las tardes
de invierno.

Su timidez jamás estorbó
a su talento.
Talento de hacernos sonreír.

Su sonrisa a veces
me parece misteriosa.
¿Eras mismo feliz?

Jamás sabré eso,
pero quiero que sepas
que me haces feliz por varios momentos.

Su alegría nos contagia,
nos despierta sentimientos ocultos:
de gratitud, de amor, de afecto.

Las tristeza y sufrimientos
te consumieron,
pero jamás dejaste de luchar.

Así eres.

Para mí, eres un ejemplo de persona.

Muchas gracias por todo,

Lucille Ball.

La reina del

humor

mundial.

Laila Angelica Moraes



Nasceu em Votuporanga-SP. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev (Centro Universitário de Votuporanga) e História na UniCV (Centro Universitário Cidade Verde). Professora de Língua Portuguesa e Espanhola, Pedagoga, Pesquisadora, Revisora e Escritora. Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Inglesa e Espanhola, Gestão Escolar, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação Especial, Alfabetização e Letramento. Tem textos publicados nas Revistas Mal-larmargens, Ruído Manifesto e Sucuru. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá, Expressividade, EHS Edições, Mente Aberta e A Arte da Palavra. Autora do livro de poesias “Poememórias” (2021) pela

Editora Expressividade. Acadêmica Efetiva da Sucursal da ACILBRAS em Votuporanga, Membro afiliada da ABRESC, Acadêmica Correspondente da Nalap (Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal) e Acadêmica da ALIPE (Academia Literária Internacional de Poetas e escritores).



MEDO

Andei só por tanto tempo,
tentando aprender com esta vida cruel.
Falei, escrevi, toquei, amei—
mas o que realmente aprendi?
Apenas a me esconder da hostilidade do mundo.

Onde está o valor desse conhecimento?
De coração aberto, mente exposta,
continuo alienado, distante, sozinho.

Aprendi, sim,
mas talvez, não o essencial.

Medo de morrer parado—então aprendi a andar.
Medo de morrer incompreendido—então aprendi a falar.
Medo de morrer esquecido—então aprendi a escrever.

E o amor?
Se aprendi a amar, foi apenas por medo de morrer sem ter sido amado.

Não existe caixão de casal,
a morte é solitária, como a vida que levei.
Mas será toda a vida uma antecipação do que vem depois?
Por que, então, há tantas camas para se dormir a dois?

Todo esse aprendizado,

nascido do medo,
moldado pelo medo,
definido pelo medo.

Medo de morrer,
medo de viver,
medo de sentir.

E agora?
Aprendi a temer—
mas quando vou aprender a viver?

Vinícius Hernandez



Vinícius, 27 anos, autodidata da região metropolitana de São Paulo. Estudei até o terceiro ano do ensino médio e atualmente trabalho como auxiliar administrativo em um escritório de advocacia. Sou apaixonado por tragédias gregas, romances realistas e filosofia, áreas que me inspiram desde que li meu primeiro livro aos 7 anos de idade. Desde então, escrevo transitando entre prosa e poesia. Conhecido pela intensidade, caminho pela corda bamba que separa o tormento niilista e a serenidade cínica, explorando as nuances da vida com profundidade e sensibilidade. @ecos.do.abismo_poesia (Insta) | @velho.phd (Insta) | Baixos_e_baixos (MeuPoema App).



FRAGMENTOS

Desceu as escadas
degrau por degrau
Viu ali, vida
exposta em camadas
passado,
presente,
futuro
O sonho sendo repellido
Sendo atraído
A dúvida
O medo
O impulso
E se lançou
Então se pariu
Se perdeu
Se afastou
Se soltou
Quis voltar para si
Mas já não era a mesma
Era um fragmento
Um pedaço em construção

Paula Aguirrezábal



Paula Aguirrezábal, nascida em São Paulo/SP, vivo no Rio de Janeiro há mais 25 anos, jornalista, pós-graduada em Biblioterapia e Mediação de Literatura Literária pela Unochapecó de Santa Catarina. Trabalhei com conteúdo para marketing e mídias sociais, durante a pandemia me entreguei ao amor pela literatura e passei a mediar clubes do livro e aplicar a biblioterapia em grupos particulares. A poesia é uma descoberta recente que foi apresentada em cursos de escrita criativa e me ousou levar a lugares livres e férteis das minhas memórias.



PAZ INTERIOR

Entre sombras e luzes, flutua o ser,
Revela-se a força delicada e pura,
Por dentro encontra-se o poder,
De transformar dor em ternura.

No silêncio do amanhecer,
Entre pensamentos flutuantes,
A paz vem florescer,
Em ondas calmas e constantes,

Respiro fundo e me encontro,
No espelho da tranquilidade.
Sou oceano calmo e manso,
Na vastidão da eternidade.

Paz que não se abala com ventos,
Harmonia que acalma a mente.
Um refúgio em meu próprio centro,
Morada eterna e presente.

Vânia Sofia Duarte Santos



Vânia Sofia Duarte Santos é uma escritora portuguesa, nascida a 20 de Dezembro de 1989, em Santiago do Cacém, Portugal. Desde 2021 que publica livros de poesia e histórias infantojuvenis que transmitem percepções reflexivas e com mensagens positivas. A escrita de Vânia explora temas de resiliência, esperança, autodescoberta e a beleza encontrada no quotidiano, proporcionando um espaço para os leitores pararem, refletirem e descobrirem positividade mesmo no meio dos desafios da vida. Vânia escreve com o objetivo de conectar corações e mentes, pois acredita que as palavras podem curar e transformar. Instagram: @vanisofisantos.



ВЕСНА

Весна! Воздух чист и свеж. Небо ясно. Всё зелено вокруг. Хорошо!

Прекрасны весенние цветы: красные, жёлтые, розовые тюльпаны, лиловые фиалки, белые ландыши.

Широки наши поля и луга. Молодая трава сочная и густая. Реки глубоки и быстры. Как хороша ранняя весна!

И жизнь хороша,

И жить хорошо!

В. Маяковский

.

PRIMAVERA

Primavera! Ar puro e fresco. Céu claro. Ao redor, tudo é verde. Ótimo! Maravilhosas flores primaveris: vermelhas, douradas, rosas, tulipas, violetas, lírios brancos do vale.

Nossos campos e prados são amplos. Jovem árvore, madura e densa. Os rios profundos e rápidos. Que belo início de primavera!

E a vida é boa

E viver é bom.

V. Maiakovski

VLADMIR MAIAKOVSKI

Vladmir Maiakovski nasceu em 1893, na Rússia. Poeta, teórico e dramaturgo, é considerado a maior representação do futurismo russo e o eterno poeta da revolução. Sua contribuição para a cultura russa é admirável! Além de escrever peças e poemas, Maiakovski também trabalhou no teatro e criou filmes de curta metragem. Admirado por diversos escritores e poetas soviéticos, Maiakovski é, ainda hoje uma das maiores inspirações para o povo russo e para a literatura internacional.

Os poemas em russo podem ser acessados
no site: <https://www.ruverses.com/>

Anna Carolina Signorelli



Anna Carolina Signorelli, 34 anos nasceu em Belo Horizonte. Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica, estuda língua russa desde os 19 anos e língua alemã desde os 22 anos. Morou em Berlin onde cursou língua e literatura alemã adquirindo certificado em língua alemã. Em 2019 cursou e concluiu curso de língua e literatura russa em São Petersburgo, também obtendo certificado reconhecido pela cidade de São Petersburgo, Rússia. Ademais, também traduz textos do russo, alemão e inglês para o português e do português para os três idiomas mencionados. Seu último trabalho foi a tradução para o inglês do livro *Empodera!* lançado na Flórida em 2022. Além disso, já deu aulas de literatura fantástica, língua alemã e literatura russa. Já participou de cursos ministrados por grandes tradutores como Arlete Cavaliere, Bruno Barreto, Rodrigo Alves do Nascimento e Cecilia Rosas. Instagram: @annaearussia.



AFRODITA

Niña de espuma

Mujer de mar

La única,

La estrella.

Una diosa urania

De cuerpo y alma

Sabe a agua salada

Y sol primaveral.

Fuente de deseos

Y de pasiones ardientes

Vive desnuda en sueños calientes

De hombres posibles e imposibles.

Te hace amar

Te hace sufrir

Te hace olvidar

Te hace vivir.

{Hasta el infinito

Y más allá}

Quizás quiera todos

Quizás no quiera a nadie

Ella elige el que más le gusta

La soberana es ella.

La reina de los amores encantados

Y de los amores disfrazados

La dama de tus días

La musa de tus noches.

¿Quién es ella?

Afroditas, querido.

Y Afroditas...

¡Soy yo!

Clarissa Machado



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e membro do Grupo Literário Fonte das Letras, é ativista literária, e defensora do Direito à Literatura e da Cultura de Paz. **Instagram:** @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado.



FORTALEZA, MON AMOUR ...

Cheguei aqui
Pra ver cidade
Grande

Se era o que falaram
Em Quixadá

Botei os pés na areia
Flamejante

A praia de Iracema
A me abraçar

Sentei naquele
Banco de cimento

Pra ver as moças
De saia passar

Pedi pro vento
Ser bem generoso

Mostrar o que
Não vi

Noutro lugar

Fortaleza, Iá

Fortaleza

A tua natureza

Não tem par

Fortaleza, Iá

Fortaleza

Por que demorei

Tanto a te encontrar

Teu Mercado Central

Tão

Importante

Feira de artesanato

`A beira mar

Com tuas morenices

Saltitantes

Do jeito que escreveu

Zé de Alencar

Aqui não tem lugar

Para lamentos

Comi “baião de dois”
'té me fartar

No jeito misturei
Junto ao teu povo

De onde vim
Não sei se vou
Voltar

Fortaleza, Iá
Fortaleza

A tua natureza
Não tem par

Fortaleza, Iá
Fortaleza

Em ti o amor começa
A respirar

Maria Araújo



Germano Ribeiro



Maria Araújo e Germano Ribeiro foram os vencedores do Prêmio Autorretratos de Literatura 2024, destacando-se por suas criações artísticas. Maria nasceu em ACARAÚ, no lugarejo de LAGOA DO CARNEIRO, SERTÃO, e é apaixonada pelas artes. Leitora ávida, poeta e artesã, ela é natural de Fortaleza, Ceará. Germano é músico e compositor renomado, reconhecido na Música Brasileira Contemporânea por suas habilidades como instrumentista. Residente em Campinas, São Paulo, encanta com suas melodias. Juntos, celebram este prêmio por suas contribuições artísticas.



INSTANTE

Adoro o perfume de hortelã
Que brota do teu sorriso
Bem como o grosso açaí
Que saboreio em teus lábios

Nas curvas avantajadas
Domo os teus quadris febris
Guiando meu corpo sedento
Ao fundo da tua intimidade

Quando nossos suspiros
Mananciais de suores
Relatarem cansaço e ardor
Nossos corpos reclamarão

Ungidos por gozo e furor
A repetição dos movimentos
Que entregam nosso sexo
À eternidade do instante.

Thiego Milério



Nascido em Manaus-AM, em 1981, formado em Medicina pela UFAM, escreve poemas por acreditar no poder da Arte e da Literatura para um mundo mais humano e justo.



ZODIACUS

Ele ar, ela água
Os dois juntos, fogo!
Ele semeia o desejo nela
Ela germina carícias
Os dois colhem paixão
Envolta nos braços dele,
Se sente amada, protegida
Polinizando tudo a sua volta com sua atmosfera lasciva
Plantando delicadezas a cada toque
Cultivando todo um jardim de cumplicidade e carinhos
Montando buquês de sonhos...
Ele a rega com palavras doces
Mesmo com águas turbulentas e misteriosas, profundas,
Suas gotas de sentimentos são suaves
E encharcam suas flores...
Ele, tal qual um Lisianto, sedoso e romântico, enfeita seus cabelos revoltos, que se espalham entre as mãos
Ela, tal qual um girassol, vibrante e caloroso, arranca dele sorrisos, advindos da sua boca encantada
Ele água, ela flor
Os dois, um vaso bonito de lírios-do-vale, perfumando e enfeitando a vida
...

Viviane Cardoso



Sou Viviane Cardoso, nascida nos anos 80, 43 anos, divorciada, mãe de 3 filhos. Sou professora de Inglês e português há quase 20 anos. Dou aulas para adolescente e adultos. Nasci no Distrito Federal, moro há 23 anos em Formosa, Goiás, entorno de Brasília. Sou uma apaixonada pela lua, por viagens, idiomas, música e arte. Sempre em busca de algo que desperte as emoções. Estou me aventurando no mundo da escrita com o incentivo dos amigos e alunos que leem meus textos e apreciam. Escrevo para manifestar um pouco da criatividade e emoção que possuo e para dividir a profusão de sentimentos que tenho em mim.



MUSA DO DESALINHO

Desalinhada porque gosto do rosa quando todos amam o preto.
Desalinhada porque gosto do exuberante quando a moda é minimalista.
Desalinhada porque prefiro andar quando todos corre
desalinhada porque acredito na eternidade quando todos dizem que tudo
é efémero.
Desalinhada porque odeio o descartável na era em que ele é rei.
Desalinhada porque sigo a lua quanto todos seguem o sol.
Desalinhada porque gosto de sussurrar quando todos preferem gritar.
Desalinhada porque defendo as minhas convicções quando todos são do
contra
Desalinhada porque quebro normas e faço da excepção a regra.
Desalinhada porque fecho a porta a tudo que me magoa, mas abro-a de
par em par a tudo o que me enalteça.
Desalinhada porque conto com as asas do destino quando desejo tornar
reais os meus sonhos.
Afim voar é possível quando nos deixamos desalinhar, quando libertamos
os nosso cinco
sentidos numa sublime sinfonia à musa que habita em nós.

Anabela Vaz



Anabela da Cunha Vaz nasceu a 15 de outubro de 1971, na cidade de Braga, Portugal. O gosto pela escrita surge desde a infância. A sua imaginação levou-a sempre a conceder vida às páginas em branco, com a magia das suas palavras. Acredita no poder, no impacto e na magistralidade do mundo da escrita. É mulher de palavras, ancorada 21 anos no mundo dos números. No ano de 2020, adormece a razão, permite que impere a paixão. Encerra o seu capítulo de bancária, faz das suas palavras as asas que a levam de encontro aos seus sonhos, à sua liberdade, à sua felicidade. É autora do romance *Neblina* (2006) e do conto *Benedita* (2021), inspirada pela doçura e encanto da sua neta Benedita. Em 2022, com toda a turbulência, guerra e inquietações no mundo, escreveu *O Mundo precisa de fadas*. Em 2023, volta-se, de novo, para os adultos e escreveu a obra: *O que desejas ser depois da meia noite?* Em 2024, seduzida pela beleza e mistério do mar, escreve a obra *Maria do Mar, a sereia que sonhava voar*.



NOSTALGIA

A flor sobre a mesa
Está murcha e sem beleza
A terra trincando de seca
A luz apagada
A música calada
Não há mais risos
Nem cantos
Nem contos.

A cabeça cabisbaixa
A feição desdeixa
Os cabelos grisalhos
A face desfigurada
A pele enrugada
A visão já turva
Nesta extensa varanda vazia
Aperta os olhos e sussurra sozinha.

Ali e só, vive da lembrança
Em uma cadeira ela balança
Tá tudo tão mudado
Canta uma canção
Para aquecer o coração
Ao qual se encontra tão covo
Da saudade que a consome
Dos dias que gradativamente da mente se some.

Dias os quais a criançada brincava entretida
Levantava poeira do chão de terra batida
Aqueles crianças... Motivo de seu sorriso
Dona Tereza aos seus 30 anos
Bela jovem de pele macia e sem danos
Alegrava-se ao ouvir os risos
Na enorme varanda cantavam canções
E atentos ouviam os contos abundantes de emoções.

Muitos anos que se passaram
Mundo a fora aquelas crianças se lançaram
O destino deu-lhes outras prioridades
Seus sonhos, mais vastos que a vasta varanda
O tempo ingrato e cruel, sem tempo, com tanta demanda
As crianças agora adultas esqueceram suas origens
Não voltaram para regar a flor posta à mesa
Nem para dar um abraço em sua mãe Tereza.

Será que não se recordam dos cantos?
Será que não se recordam dos contos?
Nem dos risos que causavam tanta alegria?
Em sua cadeira de balanço, Tereza foi largada
Com sua coluna já envergada
Só um desejo de voltar ao passado
Para ver seus pequenos em uma brincadeira divertida
Levantando poeira do chão de terra batida.

Karen Cerutti



Karen Cerutti, brasileira, mineira, nascida no ano de 1989 no município de Vespasiano/MG. Atualmente profissional de Técnico de Enfermagem e estudante de Bacharelado em Enfermagem. Sempre envolvida com a arte e a cultura, tendo sua maior paixão a escrita. Publicado em fevereiro de 2024 seu primeiro livro *Soprando a Poeira dos Versos*, pela Editora Clube de Autores, comportando 36 obras literárias dentre poemas, crônicas e contos. Coautora em antologias pela Editora Persona e pela Editora Usina de Textos. @poemaskarencerutti.



MINHA MUSA

Em meio ao caos de ruas e concreto,
Onde o som do mundo ecoa em gritos secos,
Tu és a musa, no coração quieto,
Que faz o amor florescer em tempos perplexos.

Entre arranha-céus e a luz que cega,
Te vejo dançar, livre, entre os carros apressados,
Como um sonho que se estende, e me entrega
A poesia dos teus passos, tão delicados.

Nos becos coloridos, onde tudo se esconde,
É tua presença que dá cor ao meu olhar,
Teus olhos, como estrelas, deslumbram e respondem
À cidade que nunca pára, mas sabe te amar.

És musa nas ruas que nunca se cansam,
No horizonte sem fim, tu és o farol,
E no meio do concreto, nossos corações dançam,
Buscando refúgio na tua luz, no teu sol.

Oh musa, em meio à pressa do dia,
Tu és a calma que me faz respirar,
E na selva de pedra, tua poesia
É a razão que me faz, ainda, acreditar.

Arcangela Pivetta Dos Santos



Arcangela Pivetta dos Santos, Angel Pivetta (pseudônimo), nascida em 24 de maio, na cidade de Vitória/ES, casada, mãe de dois filhos. Bacharel em Serviço Social pela UFES, com Formação em Psicanálise Clínica pela ABPC; professora, pesquisadora, escritora, palestrante, poetisa, coautora dos Livros “Inocência Violada” e “Mulheres Fênix, Renascimento pela Superação”, com publicações em algumas Antologias Nacionais, é Membro da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas e Trovadores do Espírito Santo – ACLAPCTC; Academia Cariaciquense de Letras – ACL e Academia de Letras Jurídicas do Espírito Santo - ACALEJES. É Policial Civil PCES, atualmente exerce suas funções na SESP. Moradora de Cariacica, participa voluntariamente como membro do movimento “Mulheres de Cariacica”. Email: arcangelaescritora@gmail.com Instagram: [@escritora_arcangela](https://www.instagram.com/escritora_arcangela) [@livroinocenciaviolada](https://www.instagram.com/livroinocenciaviolada).



PROFESSORA MUSA, TRANSCENDE O QUADRO NEGRO

No palco da sala, Marlene ecoa
Risos de esperança, sorridente
Musa dos sonhos que o tempo aquece,
Professora renomada. Semeia o futuro que há por vir

Cada traço, revela a arte que nasce na alma
Entre pincéis de palavras tecidas,
Ela colore mentes com sabedoria,
Linda musa de lições compartilhadas,

Transcende o quadro negro, irradia alegria
Seu olhar é o compasso que guia,
Na partitura do conhecimento sem fim,
Ensina mais que as medidas do tempo,

Passa lições para a vida. Tece memórias, com fios de ouro,
Molda com suave maestria
Armada só de amor e livros,
Professora Musa, guardiã da inspiração.

Marlene Krupa



Marlene Krupa do Rosário, 44 anos. Professora do Ensino Fundamental. Reside na Cidade de Araucária/PR. Ama escrever poesias, demonstra amor incondicional pelas palavras e pela arte. Passa horas escrevendo. Acredita que ao escrever, desperta sentimentos e conexões que fazem com que o leitor se sinta parte da história. É como abrir portas para um mundo novo, onde as emoções ganham vida.



CAPITÃO DE MAR E GUERRA

O filho das águas se apronta a partir,
Alinhando as velas para prosseguir.
Calcula as milhas, nova rota a seguir,
Empunha o leme: já é hora de ir.
Deixando no cais o medo e a dor,
Coração partido e grande dissabor,
Desbrava a vida e seu interior,
Estivando a âncora, o navegador.
E, nessa jornada, o capitão valente,
Sozinho encontra o destino à frente.
Sonho de infância, agora iminente,
Buscando a si em outro continente.
Pegadas deixadas em terra e areia,
O silêncio da estrada, a mente clareia,
E o vento sussurra o que a alma anseia:
Seguir o caminho que a Vieira norteia.
Vestindo esperança, busca encontrar
Identidade perdida e um ciclo a encerrar.
Quem sabe o propósito em seu caminhar
Revele-se e traga novo despertar.

GAÚCHO

No toque das mãos e olhar indecente,
Aqueces a água em beijo envolvente.
Revelando o desejo, agora aparente,
Em rígido corpo, pleno e pungente.
Neste rito sagrado de preparação,
Bomba e cuia, perfeita união.
Mistura de história, aroma e paixão,
Água e mate formam o chimarrão.
Preparas o mate como fazes amor,
Em ritual de entrega, destreza e vigor.
Corpos em chamas, ardente fulgor,
Entre os lábios adentra o quente sabor.

Adriana Alves



Sou Enfermeira, educadora e mestranda, com uma paixão por inovação e ensino em saúde. Como mulher autista, transformo desafios em oportunidades de aprendizado e busco integrar tecnologia, educação e humanização no meu trabalho. Minhas viagens a diversos países ampliaram minha visão de mundo e enriqueceram meu cotidiano profissional. Quando não estou envolvida em meus projetos ou atividades profissionais, gosto de relaxar em um bom café, explorar novas culturas ou me conectar com a natureza. Encontro na poesia uma forma de expressar minhas emoções e transformar sentimentos em palavras.



FÉ E ESPERANÇA

A fé é virtude,
A Esperança é expectativa,
Ambas devem andar juntas,
Sincronizadas na confiança.

A fé se alimenta da força,
Invisível, ilimitada de um ser,
O caminho costumeiro é árduo,
Passo a passo a conquistar.

A esperança é a estrada,
O caminho a percorrer,
A concretização de um desejo,
Vai fortalecer o seu “ser”.

Dizem que deveriam ser uma só,
Pois significam a mesma ideia,
Andam sempre em harmonia,
Superando a sabedoria.

Vivem da combinação,
São inseparáveis no viver,
Dividem a essência de um ser,
Cumplices até uma florescer.

Marta Costa



Marta Costa (pseudônimo), Capixaba da gema, nasceu em Vitória/ES. Graduada em Ciências Humanas. Cientista Social e Palestrante. Uma das coautoras dos livros: *Inocência Violada* e *Mulheres Fenix – Renascimento pela superação*. Escreve Contos, Crônicas, poesias e poemas em prosa, rimas e de forma livre em antologias e coletâneas por todo o país. Acadêmica Titular da Academia Cariaciquense de Letras e Acadêmica Correspondente da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores (ACLAP-TCTC). Instagram: @martinhasilvavieiracosta & @livroinocenciaviolada.



A CULPA É DO PROMETEU

Certa noite somos obrigadas a
nos dissolver em despedida e
o que - antes - nos fazia bem
de repente passa a fazer mal

é noite de carnaval
e o meu corpo pergunta
onde é que o seu se meteu

Prometeu
ainda sente o amargo de Zeus
escorrendo em suas camadas
por tamanha benevolência

não por coincidência
em cada buraco regenerado
mora um vazio impreenchível

o que eu acho incrível
e excepcionalmente ingênuo
é a minha memória te ler
sempre com tanta doçura

eu sei que é loucura
porque o homem aprendeu a destruir

quando aceitou o fogo do tal titã

mas quando é de manhã
meu corpo sente o costurar
dos olhos a se prenderem
no corpo da madrugada

e não é por nada
mas preferiam costurar
se prender e se perder no corpo seu

a culpa é do Prometeu
que enriqueceu o homem com o
fogo descontrolado que se alastra
queimando as bruxas até hoje.

Aliine Rosa



A poeta e haicaísta, Aliine Rosa, tem 34 anos, é natural de Tamarana/PR, mas Gavionense de coração. Atualmente cursa Pedagogia e trabalha em um colégio, na cidade de Araraquara/SP. Aos 14 anos, iniciou a sua trajetória na escrita poética, mas desde os 6 anos, já declamava poemas nos eventos da pré-escola. “Acredito na força da poesia; no quanto ela pode acrescentar, amparar e até mesmo salvar quem a lê, sobretudo, quem a escreve.”



CAMPO DA SAUDADE

Saudade da minha terra, do meu quarto desarrumado...

Bolsas, sapatos e livros diversos ao meu aguardo;

Nem lembro da última vez que sorri para meu gato, eu nem o tenho mais ao meu lado.

Talvez eu deva pintar meu novo quarto;

Faz tempo que nem sequer pinto o meu quadro, daqueles borrados que não segue uma sequência “lógica”.

Eu não uso das minhas tintas para puxar de outrem respostas.

Saudade dos meus pais, de brigar com meus irmãos e ir ao encontro de minha única amiga;

Ainda bem que sempre carrego comigo variadas canetas, certeza.

Meu cabelo bagunçado permanece e sigo comprando novos livros, lendo e escrevendo novas histórias...

Daqui a pouco (re)construo novas saudades com aqueles, que por hoje, estão apenas no campo da saudade.

Luiza Laura Serafim



Nascida em Fortaleza, Ceará. Psicóloga e com formação também em arte-terapia, escritora e poetisa. Filha caçula que começou a escrever desde 2016 (expressão da vida através das palavras). Nordestina que crer na arte também como potencializadora da promoção de saúde mental. Escrever me faz sentir vida, me presenteia com a felicidade e aconchego de ser/existir em meio ao universo vasto de singularidades. Escrever me cura.



O VENTO E MEUS MOMENTOS.

Que o Senhor abençoe nossos caminhos, guie nossos passos, proteja quem amamos e seja sempre nossa companhia na estrada.

Quando a gente se sente perdido de si

Qualquer lugar é um vazio dentro de intensos pensamentos

A buzina do padeiro atrapalha meus devaneios enquanto a bússola da vida me imponha uma realidade que eu me recuso a aceitar!

Olho desanimada para os lados e vejo anjos e demônios dividindo o mesmo espaço

A minha estratégia de vida, no fundo, é simplesmente sobreviver, decerto que numa cova rasa ou em uma gaveta caberá somente a mim e minhas dúvidas sequer serão esclarecidas.

Olho para o céu nublado e vejo as nuvens em formatos e sorrio da minha própria imaginação, a manhã está apenas começando ao certo uma nova semana e logo um novo mês e a expectativa que guardei e não tenho mais vive querendo se impor, não, não existe nova vida.

Para mim é sim uma grande continuação, as mudanças e mudarmos principalmente a nós mesmos.

Essa expectativa que as pessoas colocam uma nas outras eu já tive muito. Não nego que vez ou outra eu tenho buscado resposta de quem eu acho importante, mas na mesma medida me deixa de importar!

A pedra que no começo era meu obstáculo se tornou minha aliada, hoje estou em cima dela.

Meu sonho mais romântico hoje é em meio as chamas de um fantasma, uma fantasia que eu talvez guarde pela impossibilidade de viver.

Subo no mais alto monte num dia de vento forte sufocando minhas vontades de gritar de sumir

E então eu desabafo com o vento que parece me entender.

Então eu respeito a terra, o mar e principalmente o ar que eu respiro naturalmente agradecendo a minha natureza.

Obrigada Deus.

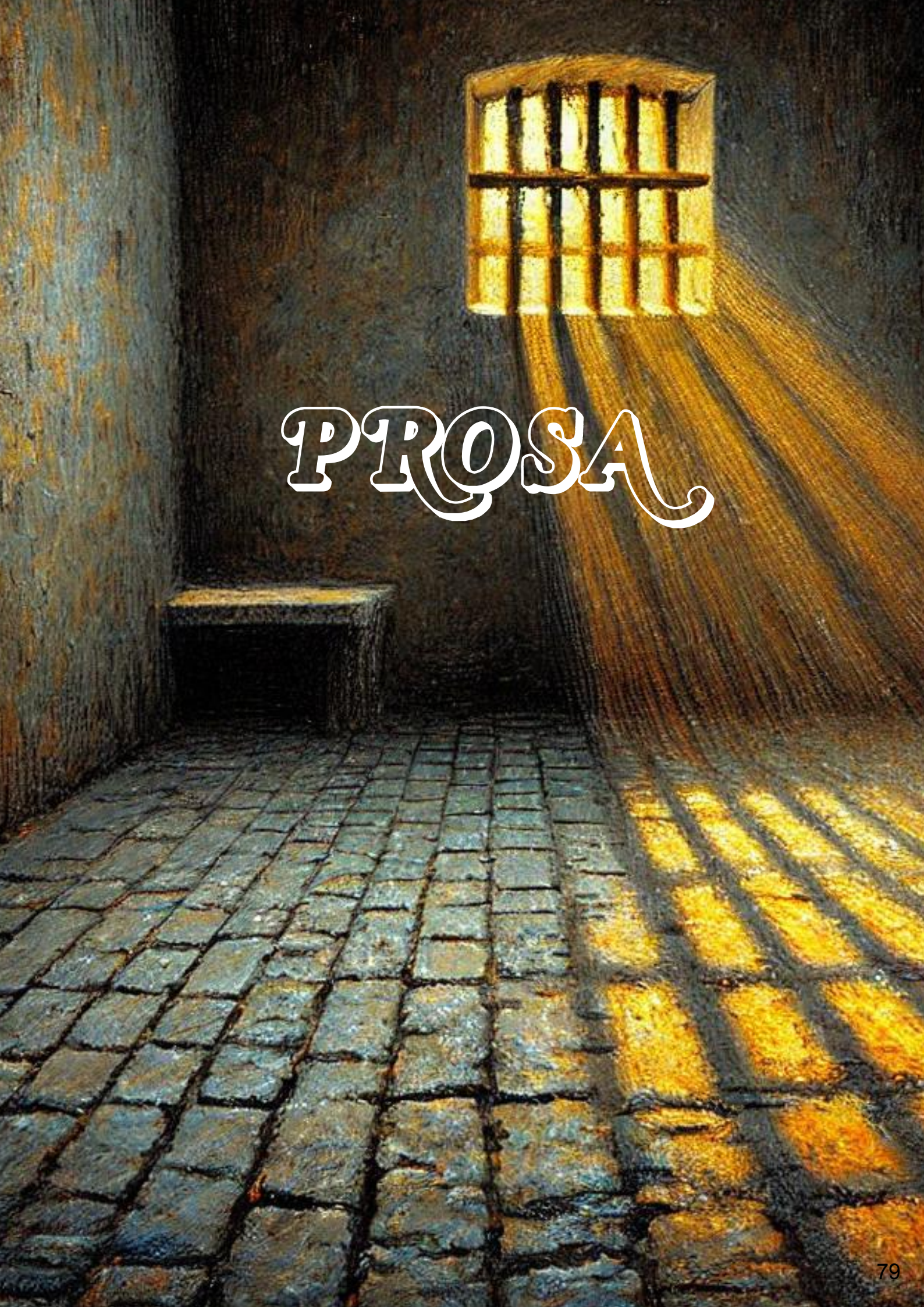
Pelo chão que eu piso, é pela terra que eu agradeço, onde vivo, cresço e mesmo não sendo flor, Floresço...

Starisy

Isilda Pereira Mendes



Isilda Pereira Mendes, nascida em São Paulo em 07/01/1973. No ano de 1998, mudou-se para o Rio de Janeiro, portadora de visão molecular desde o seu nascimento, vê apenas o lado direito com muita fé e otimismo, procura registrar em versos seu cotidiano. Participou de várias coletâneas e antologias. A escrita entrou em sua vida como uma terapia e seu primeiro livro foi lançado em 2023. O título é. Seria cômico se não fossem crônicas poéticas. Suas frases também podem ser lidas no site do pensador e sua rede social é @Starisy _isi.

A painting of a prison cell. The room is dark and confined, with rough, textured walls. A small, arched window with vertical bars is set high in the back wall. Bright sunlight streams through the window, creating a series of parallel rays that illuminate the floor. The floor is made of large, irregular stone tiles. In the corner of the cell, there is a simple, rectangular stone bench. The overall mood is somber and oppressive.

PROSA

BOM DIA, SOL! (II)

Os anos de prisão haviam roubado de Melquíades a vontade de cantar. Ele percebera isso porque os gigantes que lhe traziam comida e o levavam ao pátio para iluminar um pouco a sua desesperança já não se demoravam na porta de sua cela. Olhavam tristemente pelas frestas das paredes e murmuravam coisas que a infelicidade entranhada na parte interna das barras do claustro torna incompreensíveis para os apenados. Desde que fora confinado naquele cubículo, esquecera quase por completo da graça mundana e das farras nas copas da sua terra. Esse pedaço do passado tinha tantas lacunas que o peito já não chorava por ele e nem por amargura ele tinha mais capricho de soltar a voz.

Da memória a saudade lhe trouxera imagens de Tchica, que lhe apresentaram em visita para perturbar a tristeza crônica armazenada no seu temperamento. No começo, estranhou a intrusão da novidade nas suas vontades e o peso desse corpo recém-chegado no refúgio do seu espírito. Mas havia ali um calorzinho gostoso nas proximidades, um movimento petulante e ao mesmo tempo amistoso derrubando a sua indiferença. Até se permitiu elaborar com ela um dueto sonoro de repetições infindáveis e musicalidades burlescas. Perdeu o medo de gostar de alguém. E alguns anos desse feitiço parceiro fizeram da habitação um segmento apreciável do universo: os gigantes sentavam por perto em suas poltronas e conversavam animadamente, como se quisessem unir-se ao coro lamentoso pensando que era a alegria que comandava o ambiente da masmorra. Entretanto, por fim os ataques maciços das salmonelas derrotaram a pouca saúde da companheira, impondo mais uma vez a solidão a Melquíades. Este teve, enfim, de novamente fazer as pazes com sua antiga melancolia e relembrar os solos lamuriosos dos invernos, agora acrescidos da saudade.

Também houve uma vez em que conseguira escapar, aproveitando a negligência de um guarda inexperiente. Partiu célere, confiante, invadido por uma coragem que não sabia estar ainda presente nos seus planos desorganizados. Aproveitou um restinho de inconformidade, ainda habitante de seu coração, que endemoniava a sua desconsolação e guiava a fuga pelos labirintos da prisão maior. Bravamente ultrapassou percalços que todo fugitivo enfrenta, derrotando impetuosamente cada obstáculo que lhe desalmava a esperança de liberdade. Mas o destino e a incapacidade de decodificar a arquitetura do livre-arbítrio bastaram para devolvê-lo ao desconsolo. Foi resgatado num canto insuperável, mais machucado pela vergonha do fracasso do que pelas feridas conquistadas na batalha.

O canto foi sumindo aos poucos na garganta de Melquíades, esmagado pelo tempo e pela impossibilidade de amar alguém ou alguma coisa palpável na geografia do sentimento. Muitos invernos e verões enfraqueceram a audácia e a estratégia de povoar qualquer lugarejo que lhe fizesse convite. Resta-lhe agora cruzar esse corredor desabitado pela fé e aguardar o seu lugar na fila da morte. É noite ainda, as estrelas o observam silenciosamente na torcida por um final feliz. Este finalmente chega com os primeiros raios do amanhecer. É hora de despedir-se do amanhã. Mas ainda dá tempo de desejar algo.

- Bom dia, sol! – pensa Melquíades, antes de alçar voo para a liberdade infinita.

Natália passa pela gaiola do canário e grita para a mãe, ainda lavando os pratos do almoço na cozinha.

- Mãe, o canarinho morreu!

Ricardo Pegorini



Ricardo Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural GuapoRock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva".
INSTAGRAM: @cronicas_ricardo_pegorini | SITE: <https://www.cronicando.online/blog>.



LIBERDADE

Ouvi uma história contada durante uma meditação sobre Nelson Mandela, quando ele deixou a prisão.

Mandela conta que, enquanto caminhava pelo corredor da prisão, pensava em cada passo que dava rumo à liberdade. Ele refletia: "Estou sendo libertado fisicamente, mas deixo para trás as pessoas que me maltrataram e machucaram. Eu me liberto não apenas das pessoas que me prenderam, mas, principalmente, das questões emocionais: raiva, mágoa, tristeza, ressentimento e tantos outros sentimentos que me aprisionavam."

Quantas histórias nós vivemos que foram difíceis, pesadas, dolorosas? Quantas vezes fomos maltratados? E, no entanto, quem continua prisioneiro dessas histórias somos nós. Por que nos mantemos presos aos acontecimentos passados? Por apego.

A história de Mandela nos faz refletir sobre as prisões que carregamos em nossa mente e coração. O ressentimento e o medo do passado podem nos aprisionar, enquanto a liberdade exige desapego. Mandela poderia ter passado o resto da vida magoado, ferido por 27 anos de prisão, mas ele escolheu se libertar. Assim, a vida caminha para frente, enquanto permanecer prisioneiro nos mantém estagnados.

A Bíblia nos ensina sobre o perdão:

"E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém; para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas. Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que está nos céus, não vos perdoará as vossas ofensas." (Marcos 11:25-26).

Eu mesma vivi algo que me levou à reflexão sobre o perdão. Fui internada três vezes em uma casa de saúde e, durante muito tempo, me revoltei contra o mundo e contra aqueles que me colocaram lá. Por anos, vivi em um redemoinho de raiva e culpa, incapaz de me perdoar por ter permitido aquilo. Sentia ódio de mim mesma, acreditava que havia sido manipulada, e isso afetava minha capacidade de confiar nos outros.

Com o passar dos anos, comecei a me perdoar. Foi um processo lento, mas essencial. Tive que abandonar a vergonha do meu passado e reconhecer que ele não me definia. Descobri que minhas atitudes, minha capacidade de superar o que aconteceu, eram mais importantes do que o ocorrido em si.

Quando olhamos no espelho e vemos que somos, muitas vezes, os causadores de nossas próprias dores, a culpa perde força. É fácil culpar os outros, mas o verdadeiro desafio é olhar para o nosso íntimo e superar as emoções negativas que nos aprisionam.

As pessoas podem, sim, acionar gatilhos de raiva, medo ou insegurança, mas culpar o outro nos leva ao ódio, ao rancor e à mágoa. Esses sentimentos nos frustram e nos impedem de viver o presente, pois ficamos presos ao passado.

Por isso, perdoe para ser perdoado. Viva como Mandela: deixe para trás aqueles que o maltrataram. Liberte-se das pessoas e, acima de tudo, das questões emocionais que o prendem. Assim, você encontrará paz na sua consciência e liberdade na sua alma.

Aline Rezende



Aline Rezende natural de Joinville Santa Catarina moro atualmente em Schroeder Santa Catarina fiz cursos de produção textual gramática fotografia tenho um blog <https://umbancovariashistorias.blogspot.com/> onde abordo temas como amor, família, resiliência e outros.

O meu desejo é escrever um livro.

Espero que minhas histórias ajudem a refletir sobre a vida.

Gratidão Aline Rezende

@tiaalinerezende



A ILHA DO SILÊNCIO.

Linka estava feliz, enfim era chegado o grande dia de partir para onde o seu, agora marido morava. A festa estava linda. Seus parentes e amigos compareceram para prestigiá-la naquele dia tão esperado de sua vida.

Ela percorria o salão abraçando e se despedindo de todos. Estava linda com um vestido rendado, branco, longo meia manga. Seus cabelos louros escuros presos num coque, mas não engomado com gel, seu cabelo na frente emoldurava seu lindo rosto. Seu esposo, a acompanhava sorridente e atencioso com todos.

Arthur, sobrinho dela, chorava compassivamente por não acompanhá-los para uma ilha longínqua. E nada o fez desistir de não ir. Apenas com um ano e meio, era obstinado e sua vontade foi feita. Partiram os três rumo a um destino desconhecido.

Foram recebidos na pequena ilha com muita alegria. A ilha era passagem de muitos curiosos, navegantes, visitantes. Pois ficava na rota, para dezenas de lugares.

Linka se compadeceu da miséria do povo que ali habitava. Esforçavam para arrecadar dinheiro para sobreviverem, mas a falta de preparo financeiro, social, higiênico fazia-os viverem precariamente.

Em sua noite de núpcias ficou num quarto onde a cama era de solteiro e Arthur foi colocado num berço esquisito, alto. Chovia muito naquela noite em que chegaram. O local era precário, gotejando em cima do garotinho. Ele foi colocado junto ao casal para dormir.

O moço que ali trabalhava vendo a cena pelo buraco da parede da cabana se emocionou, pois qual casal atrapalharia suas núpcias para

cuidar de um garoto lindo, mas que andava com dificuldades, e parecia mais velho que a certidão de nascimento mostrava.

Linka, muito carismática, fez amizades facilmente e trabalhava juntamente com todos dando dicas de como prosperar e melhorar os negócios.

Construíram conjuntamente um galpão enorme, mas asseado. Com os poucos recursos da ilha, Linka começou a aplicar suas economias e ajudá-los a melhorarem a qualidade do lugar.

Nesse galpão de culinária, a mesma o separou por áreas. Cada família era responsável por um tipo de culinária: pratos salgados, doces, sucos, saladas, café, quitandas. Assim cada um se especializava em sua área. E os lucros eram divididos.

Também construíram pequenos chalés pela ilha e assim os turistas tinham mais privacidade.

Arthur era um outro garoto, não andava mais mancando, e aprendia o idioma do local. Em casa conversavam na língua deles, para que o menino não se esquecesse da língua materna.

Linka fazia ligações para os pais do menino e mostrava como ele crescia forte e espirituoso. Eles ficavam felizes de vê-lo, mas não insistiam no regresso da criança ao lar de onde viera. Isso a intrigava.

A ilha estava caminhando, porém precisava de maiores investimentos. Ela resolveu juntar o pouco que lhe restara para voltar ao seu país e trabalhar para ajudá-los. Mas seu marido não demonstrou interesse em ir com ela, e pediu para que o menino ficasse em sua companhia.

Ela protestou, dizendo que a família o queria de volta, pois estavam com saudades. Ele a olhou fixamente e disse:

— Aprendi a te amar, e não quero que partas, mas se isso for inevitável, ele fica.

Pasmada pela afirmação do marido e não acreditando que o amor que ele dissera ser à primeira vista, agora descoberto que foi a convivência que o trouxe. Exigiu explicações.

— Amei tua irmã como jamais imaginei que amaria alguém. Ela foi embora sem se despedir. Fui ao seu encontro e era casada. Seu marido perdoou a traição. Mas para ficar calado, exigi que meu filho viesse comigo. Para isso tive que me casar com você. Pois Arthur era mais apegado a você do que com eles. Essa é a história.

— O que eu vivi até hoje foi uma mentira. Falou ela chorando.

— Acredite, você é melhor que ela. Fiz uma troca maravilhosa.

— Acabou de me dizer que posso ir, com a única condição de que meu sobrinho ficasse. E acredito que é a mãe dele que você ama de verdade, melhor você ir e ficar com ela.

A dor era tão grande que Linka saiu desesperada para chorar sozinha no alto de uma montanha que ficava na ilha.

Lembrou de como sua irmã chegou diferente da viagem que fez sozinha, pois seu marido era marinheiro ficava longas temporadas fora de casa. Ela e o marido antes tão apaixonados, viviam brigando e ela estava sempre com os olhos vermelhos de chorar. Então compreendeu porque Arthur calçava um número menor que seus pezinhos e andava caindo e desequilibrado. Os pais nunca o amaram e ela com pena do garotinho tentava amenizar a falta que os pais tinham em sua existência.

Ficou em pé no alto da montanha e sentiu o vento batendo em seu rosto a consolando da sorte que tivera. Ela queria ser livre daquele amor que a consumia. E nunca mais sentir o que sentia. Abriu os braços, soltou os cabelos que esvoaçavam ao vento. Fechou os olhos e deixou seu corpo cair sobre as águas do mar. E o silêncio se fez presente, a dor sumira, a paz retornou.

Uma estátua foi feita no cume da montanha, por aqueles por quem tanto ela fizera. Seu marido chorava todos os dias de saudades até o fim de seus dias. Perdeu a mulher que realmente valia amar. Arthur cresceu amando a mãe que lá no alto o protegia. A família do país que vieram nunca mais perguntou dos dois que habitam aquela ilha.

A ilha prosperou devido à garra de uma mulher que muitos dizem ver afugentando pessoas que vão atrás de aventura, e para tirar a paz da ilha do silêncio.

Dulcinéa Da Rocha



Dulcinéa da Rocha , mineira da pequena cidade de Cruzília, sul de Minas Gerais. É professora, ama inventar e contar histórias. Desde sua infância tem a leitura como fonte de inspiração e lazer. Transforma seus sonhos, situações do dia a dia ou em contos. Se inspira em fatos ou mesmo numa musica para criar seus contos e romances. Contar histórias de amor de pessoas comuns é sua paixão. Pois, pessoas simples também podem viver uma grande história de amor. Possui onze livros e dois livros de contos publicados.



VOU TE CONTAR...

Final de expediente, depois de um longo dia de trabalho. No relógio marcava 19h07. Era inverno, e um frio intenso atravessava a cidade. O termômetro indicava apenas 2 graus Celsius. Enquanto eu descia a rua para pegar o ônibus, deparei-me com uma "fumacinha" branca, aquele vapor clássico das carrocinhas de lanche ambulantes que ficam nas ruas. Parecia uma névoa branca naquele breu da noite.

E então veio aquele cheirinho delicioso de hot dog, invadindo toda a rua. Não resisti, afinal já estava faminta. Parei na carrocinha e pedi um hot dog com queijo derretido. A moça que sempre me atende já até sabe o meu pedido. Tanto que disse:

— Olá, tudo bem? O de sempre, né?

E eu respondi:

— Sim, o de sempre!

Ela já decorou meu lanche de tantas vezes que comprei com ela. Enquanto preparava, me contou, toda feliz, que passou em um concurso e iria embora para outra cidade. Fiquei muito feliz por ela, pois é uma menina batalhadora e estudiosa, e não deve ser fácil trabalhar no inverno à noite.

Conversamos um pouco, ela me entregou o lanche, paguei e fui para a parada esperar o ônibus. Sentei no banco e, quando ia dar minha primeira mordida faminta no hot dog, vi uma criança. Era uma menininha de uns 9 anos, com uma touca de lã vermelha, cachecol amarelo, blusão marrom e uma calça de abrigo rosa, um pouco rasgada nos joelhos, além de um tênis bem maior que o pezinho dela.

Ela me olhou, e então perguntei:

— Qual é o seu nome?

Ela respondeu:

— Meu nome é Fada!

E eu disse:

— Fada? Que lindo nome! Você é a primeira pessoa que conheço com esse nome.

Perguntei se ela queria o hot dog, e ela respondeu que sim, pois não havia comido nada o dia todo. Dei o meu lanche para ela e perguntei onde estava sua mãe. Faminta, enquanto mordida rapidamente o hot dog, ela respondeu:

— Minha mãe está ali no pedágio, fazendo malabarismo para tentar conseguir algum dinheiro para termos o que comer hoje ou amanhã.

Olhei para o lado e vi a mãe dela. Chamei:

— Ei, pode vir aqui um instante?

A mãe da menina veio até mim. Perguntei:

— Você é mãe dessa menina?

Ela respondeu:

— Sim, sou.

Perguntei novamente:

— Você quer um lanche? Eu pago para você.

Faminta e com frio, ela respondeu:

— Sim, aceito!

Pedi um lanche para ela também e perguntei onde moravam. Ela disse:

— Moro em uma vila bem distante daqui. É só eu e minha filha. Vim para cá há pouco tempo, mas estou com o aluguel atrasado há 8 meses. Desde que cheguei, não consegui emprego. Vou ter que deixar a cidade, pois não tenho como pagar o aluguel.

Foi então que lembrei que a moça da carrocinha do hot dog havia comentado que iria embora. Pensei: *Certamente vai surgir uma vaga!*

Peguei o hot dog que a moça preparou, entreguei nas mãos da mãe da menina e ela, emocionada, me agradeceu, chegou a chorar e disse: — É por isso que não desisto. Ainda acredito nas pessoas.

Agradeceu várias vezes. Então perguntei para a moça do hot dog:

— Você já tem alguma funcionária para te substituir?

Ela respondeu:

— Ainda não.

E eu disse:

— Agora tem! A mãe dessa menininha precisa muito dessa vaga. Tem como você falar com a proprietária para dar uma chance para ela?

A moça do hot dog respondeu:

— Claro, tem sim! Já vou avisar. Se ela puder vir amanhã de manhã, às 8h, para uma entrevista.

Virei-me para a mãe da menina e disse que no dia seguinte, às 8h, ela teria uma entrevista de emprego. Liguei para uma amiga e perguntei: — Você tem uma calça número 36, um blusão P, um casaco P e um sapato número 37 para emprestar para uma amiga minha?

Minha amiga prontamente respondeu:

— Tenho, sim!

Perguntei:

— Tem como enviar agora por telemoto?

E ela disse:

— Claro, envio sim!

Estava ali na carrocinha de hot dog da esquina – você sabe qual é. Alcancei para a mãe da menininha algumas coisas e disse:

— Faça um coque bem puxado, passe gel, aqui, use o meu. Sei lá, mas cabelo preso com gel parece que passa um ar de credibilidade. Coisas dos meus pensamentos, mas vai por mim, você vai se dar bem, viu? Ah, e toma aqui este batom rosa claro. Um batonzinho toda mulher tem que ter! Boa

sorte amanhã. Depois das 19h, quando eu sair do trabalho, venho aqui na parada de ônibus para saber as novidades, ok?

Entreguei alguns trocados para ela e continuei:

— Dá para tomar um café e comprar pão para amanhã cedo antes da sua entrevista. E, amanhã, trago uma cesta básica e cobertores para vocês!

Peguei meu ônibus e fui embora para casa. Minha fome até passou. Fui pensando naquelas duas que o acaso do destino me apresentou...

No dia seguinte, fui trabalhar normalmente. Foi um dia longo e ainda mais frio. O inverno parecia competir para ver qual dia seria mais gelado. No relógio marcava 19h10. Torcia para que conseguisse chegar a tempo de encontrar minhas novas amigas ainda na parada do ônibus.

Cheguei e lá estavam elas, sentadinhas me esperando. Abracei as duas e perguntei:

— E aí, tudo bem? Deu certo a entrevista?

A mãe da menininha respondeu, sorrindo:

— Sim, deu tudo certo! Começo amanhã mesmo. A outra moça vai me ensinar a fazer o hot dog e o chocolate quente, que é o que mais vende no inverno. A vaga é minha!

Nos abraçamos novamente e todas choramos juntas, mas dessa vez era de felicidade. Fui embora com um sentimento de dever cumprido, sabe? É como se estivéssemos nesse mundo exatamente para isso: ajudar uns aos outros.

Somos todos tripulantes deste mesmo navio chamado vida. As ondas vêm e vão, a maré às vezes está para peixe, às vezes não. A maré sobe e recua, enfrentamos tempestades, mas logo ali à frente, se não vemos, vem alguém e nos mostra que o sol está novamente a brilhar.

Nessa situação, fui eu quem ajudou aquelas duas que estavam meio perdidas no mundo, só tentando sobreviver. Aliás, todos nós estamos, e uma ajudinha sempre é bem-vinda. Faz uma diferença enorme muitas

vezes. Seja um anjo na vida de alguém. Estamos aqui para isso. Tudo vai passar, mas suas atitudes e boas ações se eternizam no tempo. Pode ter certeza disso.

Meses Depois

Alguns meses se passaram. Era verão. A lua cheia iluminava a cidade, e o verão é mesmo uma estação alegre. No final do expediente, no meu relógio marcava 19h08. Ainda era dia, e o sol, aos poucos, se punha. Faminta, descia a rua e cheguei na carrocinha de lanches. Lá estavam as duas: minha nova amiga trabalhando toda feliz, e a filha dela, a "Fada", brincando no celular.

A menina, alegre, me disse:

— Oi, tia! Tudo bem?

E veio me dar um abraço. Eu respondi:

— Oi, Fada! Tudo bem, e você?

A mãe dela perguntou:

— Olá, minha amiga, "anjo". Para você é o hot dog de sempre?

Eu brinquei:

— Como você sabe?

Ela respondeu:

— A moça que trabalhava aqui antes me falou que o seu lanche eu não poderia esquecer. Disse que você é uma pessoa incrível e muito rara nos dias de hoje. E lógico que eu jamais esqueceria seu hot dog preferido! Sou imensamente grata a você. Mesmo sem me conhecer, você me ajudou. Muito obrigada!

E então ela disse:

— Ah, olha, a moça que trabalhava aqui antes deixou este cartão para eu te entregar.

Peguei o cartão e li:

"Obrigada por todos esses anos comprando hot dog de mim. Existem milhares de carrocinhas aqui perto, mas você sempre comprou comigo. Tinha dias em que não havia movimento, no inverno, e você sempre passava aqui, comprava e conversava comigo. Você sempre me incentivou com meus sonhos e objetivos na vida. Obrigada pela sua preferência e amizade. Se passei nesse concurso, foi graças a esse incentivo todo! Sentirei saudades. Você é uma pessoa iluminada. Obrigada por me ajudar e ajudar tanta gente à sua volta, de alguma maneira, por mais simples que seja. Toda ajuda vale ouro. Até um dia. Abraços, da amiga do hot dog!"

Sorri emocionada, guardando o cartão como uma recordação. Saí dali com o coração cheio de gratidão, percebendo que, no fim, todos nós deixamos marcas na vida uns dos outros.

E fiquei muito feliz. Aquele efeito dominó do bem deu certo. Viver é isso: um grande efeito dominó. Toda boa ação reflete logo ali na frente, como nessa situação que eu vivenciei. Peguei meu hot dog, perguntei a elas se estava tudo bem em casa e na vida, e elas me disseram que sim, que tudo havia melhorado desde aquele dia.

Então, surgiu uma dúvida. Perguntei à mãe da menininha por que o nome dela era Fada.

A mãe respondeu:

— Não, amiga, o nome dela não é Fada. O nome dela é Antônia. Mas, antes de dormir, eu sempre contava uma história para ela sobre uma linda fada que ajudava as pessoas e realizava os sonhos das crianças e dos adultos. Foi então que ela pediu para eu chamá-la de Fada. Virou o apelido dela desde então!

Ela continuou, emocionada:

— Mas, na verdade, Fada foi você que apareceu em nossas vidas. Agora até eu acredito na minha filhinha, Antônia. Ela tem razão. Fadas

existem no mundo. Não é fácil encontrá-las, mas elas existem, e você é uma delas!

Eu sorri, agradei pelo carinho e disse que, se precisassem de mim, era só chamar. Abracei as duas e segui meu caminho. Sentei no banco da parada de ônibus e, finalmente, dei minha primeira mordida faminta no hot dog. Mas, antes disso, olhei ao redor para ver se havia alguma criança que estivesse mais faminta do que eu.

Aquelas minhas amigas, que conheci pela vida, me fizeram refletir. Talvez eu nem tivesse percebido, mas temos algo em comum. Afinal, eu também me chamo Antônia. E, pensando bem, talvez eu seja uma "Fada" também. Estamos aqui na vida para isso: ajudar, acreditar, iluminar.

Meu ônibus chegou. É hora de ir. Até amanhã de manhã... É verão, e qualquer que seja a estação do ano – seja na estação de ônibus, metrô ou trem – vou te contar: o sol sempre volta a brilhar.

Suélen Ferreira Moreira



Meu nome é Suélen Ferreira Moreira. Sou gaúcha, nascida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro. Sou técnica em Contabilidade, cursei a Faculdade de Tecnologia em Marketing e também estudei Espanhol. Atualmente, trabalho no ramo da moda há mais de 10 anos, atuando com vendas no comércio varejista. Sempre tive uma grande paixão por escrever e ler. Agradeço primeiramente a Deus por esse dom que Ele me deu, à minha família pelo apoio constante e às amigas maravilhosas que conquistei ao longo dessa jornada. Meu especial agradecimento vai para a Revista Autorretratos pelo reconhecimento do meu talento, pelo carinho ao lerem minhas crônicas e pelo incentivo que me deram para continuar escrevendo. Isso trouxe maior visibilidade e oportunidade para um trabalho que eu tanto amo! Acredite nos seus sonhos! Contato: contato@sumoreira13.



OS FILHOS DO "BOTO" DO SÃO FRANCISCO

Não há nada mais bonito que o luar do sertão, a lua cheia que clareia e incendeia os corações, despertando paixões.

Nas ribanceiras do Rio São Francisco, são contadas muitas histórias, de pai para filho, de geração a geração, o que não faltam são as histórias do sertão.

E nas noites de lua cheia, é comum aparecer mocinhas chorando, apertando o ventre e contando para os seus pais que foram brutalmente atacadas por um certo homem de chapéu branco e terno branco, com um perfume que as fazem delirar.

É o conhecido e temido BOTO do rio São Francisco, um jovem irresistível e sedutor, faz as mocinhas delirarem de amor por ele, falam elas que o seu perfume as fazem viajarem e se entregam de amor por livre vontade, que ele é um moreno com um sorriso encantador, elas fechariam os olhos e mergulhariam com ele nas águas mornas do São Francisco, mas, ele sempre parte sozinho da mesma forma que chegou, as deixando aos prantos na beira do rio. E todas as mulheres que se entregam ao BOTO, todas elas engravidam, ele aparece como por encanto e anda pelas águas do São Francisco, especialmente nas ribeirinhas onde habitam pescadores, com filhas ou esposas jovens e bonitas.

E quando ele aparece os boatos correm por todos os cantos e se comentam de ponta a ponta das ribanceiras do rio.

Os mais velhos falam até hoje que o bebê Boto pode nascer com escamas de peixe, ou até mesmo com barbatanas e nadadeiras. E logo, entra alguém na conversa lembrando que é necessário avisar aos familiares os cuidados que devem ter com a grávida, antes de completar sete meses, é

preciso trazer o padre no vilarejo, levar a moça até o rio, com a hóstia consagrada na boca, receber do padre na igreja e correr para o rio, se o rio ficar longe da igreja, embrulha a hóstia em papel, corre para o rio, e preciso mergulhar nas águas e repetir essas palavras:

“Mãe D'água eu te ofereço essa criança que é filho ou filha das águas, limpa essa criança, não deixa nem escamas ou barbatanas e nem nadadeiras crescerem dentro de mim”.

Dito isso três vezes, fazer o sinal da cruz e vai saindo de costas. Não passar mais por ali, não entrar no rio até a criança chegar.

Ao primeiro sinal que o bebê vai chegar, ir à beira do rio, no mesmo lugar, onde soltou a hóstia consagrada, a parteira deve fazer o parto dentro da água, seja a hora que for, tem que ser dentro do rio, cortar o cordão umbilical dentro da água, observar se o bebê não possuir escamas, barbatanas e nem nadadeiras, sustenta nas mãos, se tiver, solta ele nas águas para ir embora se encontrar com o seu pai, se nasceu com a pele lisa, sem escamas e sem barbatana e nem nadadeiras, embrulha e entrega para mãe levar para a casa e logo é bom batizar. Não contar nunca para a criança quem é o seu pai, não deixar em hipótese alguma essa criança entrar no rio sozinha, o pai pode levar embora, a maioria dos filhos do Boto a família se mudam para a cidade.

Naquela noite enluarada, os pescadores se reuniram, estavam estourando pipocas, bebendo suas iguarias preparadas com aguardente de primeira, os barcos dos pescadores estavam todos alinhados uns próximos dos outros, muitos pescadores que moravam mais afastados da vivenda de seu Raimundo vinham e voltavam de barco, geralmente nessas ocasiões, as águas são serenas e mansas, um convite para um mergulho.

O seu Raimundo, morador de pequeno vilarejo de pescadores, tinha três filhas já em idade de casar, porém, estava difícil encontrar um bom

rapaz, mas tudo tem a mão de Deus, pensava o pai. Na hora certa, Deus enviaria um bom rapaz para cada uma de suas filhas.

Nas noites de lua cheia, as mocinhas e seus pais se reuniam na beirada do rio para prostrar e apreciar a claridade da noite. Os poucos rapazes aproveitavam para irem se divertir no povoado e muitas vezes só retornavam quando o dia estava clareando, no romper da aurora.

As garotas se divertiam, bem às vistas de seus pais que não descuravam delas, pediam para tomar banho e nadar, ali pertinho deles.

Não notaram que naquela noite, encostado em um barco, estava um moço moreno, vestido de branco, usando um chapéu branco combinando com o seu traje. Ele observava as mocinhas e se encantou com uma delas que se chamava Madalena, a segunda filha de seu Raimundo, as meninas começaram a se banhar nas águas mornas do São Francisco, inocentemente riam e brincavam, jogando água umas nas outras, Madalena em dado momento foi mais próxima do barco, e deparou com dois olhos que a hipnotizou, o moreno e perfumado BOTO, estava ali, sorrindo a convidou para se aproximar dele, e ela não resistiu logo estava em seus braços e o seu perfume a fez delirar de paixão, esquecendo das outras meninas entrou no barco e desapareceu nas águas do São Francisco iluminada pelo clarão da lua cheia.

Com uma voz sedutora, ele perguntou:

— Como você se chama?

— Sou Madalena e o senhor?

— Sou o BOTO, e quero você. Logo os dois se entregavam um para o outro. Não demorou muito tempo, ele começou a remar lentamente de volta, beijando-a, disse:

— Estão te procurando, volte!

Quando as outras sentiram a sua falta, correram e, não a encontrando, avisaram os pais, que, desesperados, se armaram com os seus

facções, preocupados com o que poderia ter acontecido com Madalena, teria se afogado? Começaram a procurar e, não demorou, avistaram Madalena aos prantos, correram ao seu encontro, e ela chorava e perguntava:

AA

— Onde ele está? Onde ele está?

— Ele quem? Perguntou Dona Elvira, sua mãe.

— O BOTO! Respondeu Madalena chorando:

— Eu quero falar com ele.

— Maldito BOTO do São Francisco! Atacou novamente e nenhum deles percebeu sua chegada. Agora, sua filha estava perdida, falava seu Raimundo em voz alta— Vou rezar para esse bebê BOTO nascer com escamas, soltaremos ele no rio e ficaremos com uma desgraça a menos em nossas vidas.

E a notícia corria nas ribanceiras do rio São Francisco, as lavadeiras faziam as contas, já fazia mais de dez anos que o BOTO atacou ali, se ouvia histórias de outros lugares e estados banhados pelo rio São Francisco, mas bem longe dali, agora era esperar a constatação da gravidez, era certa.

E assim, os dias foram passando e logo apareceram os primeiros sinais de uma gravidez. A experiente parteira confirmou se tratar de uma gestação. Madalena iria ter um filho do BOTO, disse a mulher.

Maldito BOTO! Acabou com sua vida, ele iria embora com sua família. Como iria fazer com o filho do maldito?

Não conheciam ainda um jeito de pegar esse maldito, de vez em quando vinha história de outros povoados pequenos, nas ribanceiras do rio São Francisco, ele atacava, sempre nas noites de lua cheia, era astuto, ninguém percebia nada.

Nove meses se passaram, e seguindo todos os cuidados recomendados pelos mais entendidos, o bebê deu sinal de que iria nascer, correram a

chamar a parteira e outras famílias amigas também se prestaram a acompanhar.

Ali, na beira do rio surge o belo rebento, o filho do Boto, era uma noite de luar, era perto da meia-noite, se ouvia o choro forte do filho do BOTO, que acabara de nascer.

Todos correram com suas lanternas iluminando o bebê, verificaram logo o seu corpo, cabeludo, pele lisinha, sem escamas, nem barbatanas e nem nadadeiras.... Não poderiam soltá-lo, disse a parteira, embrulhando o bebê e entregando-o à sua mãe, que chorava de emoção, lembrando do seu amor, o BOTO. Ela já tinha decidido que, se o seu filho fosse solto, ela iria agarrada com ele, ninguém iria tirar o seu filho, ela o amava tanto quanto amava o pai dele.

O avô cabisbaixo pensava: Paciência, é meu neto e vou ter que criar, mas quem escolhe o nome sou eu! E já sei o nome que vou dar. Vou chamá-lo de Mario, uma mistura de mar com rio, vamos batizá-lo e vamos embora daqui.

Do outro lado do rio, o rico fazendeiro, senhor Batista como era conhecido, retornava da capital com sua esposa, os seus filhos estudavam fora do Brasil, nas férias nem sempre eles vinham à fazenda, apenas o cacula gostava de andar de barco, pescar e fazia amizade com o povo da redondeza, todos os vizinhos o conhecia e gostavam dele, era brincalhão e muito humilde.

A Dona Marilene almoçou e foi descansar. Já passa das 15h, ela se levantou e foi verificar com a sua empregada de confiança como estavam as coisas na fazenda:

— Dona Marilene, eu não lavei e o que encontrei lá no barracão, estou tremendo só de pensar. Fui lá para olhar como estava, pois, fazia tempo que não tinha ido lá, acho que fui quando o Serginho esteve aqui.

Como é o João que limpa e organiza as coisas do barracão, não me preocupo em ir lá.

— Pois bem, eu encontrei um terno branco e um chapéu combinando, com um vidro de perfume no bolso do paletó, está pendurado na parede embaixo de uma capa de couro.

Na hora, pensei que fosse desmaiar de medo, e me veio à cabeça se não foi deixado ali pelo BOTO, falam que ele esconde nas fazendas as suas roupas, e quando isso acontece é porque ele pretende voltar.

— Essa semana nasceu o filho do BOTO na ribanceira dos pescadores, dizem que a criança nasceu limpinha, é só o que se fala é nesse filho do BOTO.

Dona Marilene respirou fundo, estava pálida, virando para a empregada, disse:

— Vamos até lá, quero dar uma olhada.

Chegando no barracão, ela examinou o terno e o chapéu, ainda exalava um perfume italiano que ela conhecia muito bem, o seu marido só usava aquele perfume.

O vidro de perfume que estava no bolso do paletó era do seu marido, não se achava para vender em qualquer lugar. Seu marido tinha ternos brancos, mas aquele não era dele, e nunca usou chapéu. Que mistério era esse? De lado, ela viu um chinelo sujo de barro, aquele chinelo era do seu marido, compraram juntos e ele usou muito pouco. Ela tinha até esquecido daquele chinelo.

A empregada notou a preocupação dela e pensou: será que ela está pensando a mesma coisa que eu?

— Vamos embora! Virou-se Dona Marilene, saindo do barracão.

A empregada perguntou: — Não vai levar, Dona Marilene?

— Não! Respondeu Dona Marilene: — Não comente com ninguém o que você viu, fica apenas entre nós, vou descobrir a verdade levantando fatos.

À tardinha, o senhor Batista retornou dos seus afazeres da fazenda, tirou a bota e sentou-se em sua cadeira de balanço e, como sempre fazia, pediu:

— Amor, prepara um drinque para mim? Vou descansar um pouco.

A esposa foi ao barzinho, preparou um copo e lhe entregou.

Ele, olhando-a, perguntou:

— Você está bem? Me olhou tão estranha.

— É que eu quero te pedir uma coisa, não sei se você vai me fazer.

— Vem cá, senta aqui e me fala, o que é que você quer? Sabe que não te nego nada.

— Eu queria que amanhã você me levasse para conhecer o bebê BOTO, eu sei que você não acredita no BOTO e nem gosta daquela gente, mas por favor, eu queria muito vê esse bebê.

— Mari, eu não estou acreditando que você está me pedindo uma besteira dessa!

— Não existem homens BOTO, existe um peixe-boto que não faz mal a ninguém, mas se você quer ir mesmo, eu te levo de barco, apenas uns minutos, essa gente não sabe ser sociável. Ouvi falar que o Raimundo está procurando emprego longe daqui, tenho aquela fazenda lá no alto do sertão, se ele quiser até já acerto para ir embora e trabalhar para mim, vai ficar quilômetros longe do rio.

— Amanhã, depois do café, te levo lá, tudo bem?

Ela sentou-se ao lado dele, e perguntou:

— Hoje, eu me lembrei de que compramos um chinelo azul para você, muito bonito, onde está aquele chinelo?

— Sabe que eu também nem me lembrava mais! Quando o Sergio veio de férias, ele disse que esqueceu o chinelo e eu emprestei para ele. Ele foi embora, não sei se levou. Emprestei, não, dei a ele também um dos meus perfumes, ele é muito desligado.

Dona Marilene sentiu as pernas tremendo: — Meu Deus! Ela estava desconfiando do seu marido, nunca passaria por sua cabeça que o seu filho pudesse ser o BOTO.

Demorou muito para pegar no sono aquela noite, algo pedia para ir ver esse bebê, preparou uma cesta com muitas guloseimas e separou um dinheiro que entregaria para a mãe comprar o que o bebê estivesse precisando.

Assim que ancoraram o barco, o seu Raimundo veio correndo ajudar e os convidou a entrar.

Dona Marilene entregou os presentes e, quando pegou o bebê em seus braços, sentiu uma emoção muito grande, parecia estar com o seu filho nos braços, tamanha era a semelhança entre os dois. Algo lhe chamou atenção, ela levantou um pouco a manga da roupinha do bebê, igualzinha às três pintinhas no mesmo lugar que o seu filho Sérgio tinha.

Chamou pelo marido:

— Amor, venha ver que bebê lindo! Quando ele se aproximou do bebê, também se emocionou, era igualzinho ao seu filho, Sérgio, quando nasceu.

Dona Marilene puxou a manga e mostrou as pintinhas, ele ficou pálido.

Na volta, os dois estavam em silêncio, e então perguntou Dona Marilene:

— O seu Raimundo aceitou a sua oferta?

— Ficou de pensar, quer batizar o bebê antes de sair.

— Batista, seja honesto e sincero comigo. O Sergio pegava aquele barco e saía por aí à noite, eu ficava com o coração na mão. Nas férias, ele saía muito à noite, dizia que adorava ver as margens e a beleza do rio. Você, como pai, o que sentiu olhando para aquele bebê?

— Vi o Sergio, naquele bebê, e aquelas três pintinhas idênticas às que ele tem até hoje.

— Vou relatar o porquê insisti tanto em vir ver esse bebê. E contou para o marido sobre os achados no barracão.

— Vamos lá no barracão, quero ver com os meus olhos.

No barracão, o senhor Batista viu o seu chinelo e o seu perfume no bolso do paletó de linho branco, aquele chapéu de Panamá que ele comprou de presente para o filho.

— Marilene, aquele bebê é nosso neto, e o BOTO é nosso filho, e eu estou sendo castigado por Deus. Preciso te confessar algo que me atormenta por anos e anos. Sabe aquele menino que nasceu do outro lado do rio já fazem onze anos? E também era filho de um BOTO?

— Aquele menino é meu filho, comprei uma casa e abri um negócio para o pai da moça, hoje estão muito bem, você estava grávida do Sérgio, e eu conheci aquela menina e começamos a nos encontrar às escondidas, quando ela engravidou combinamos jogar a culpa no BOTO, e assim fizemos, lhe juro pelas almas santas e benditas, tenho fé e devoção por elas, nunca mais tive nada com ela e nem com qualquer outra mulher, me perdoe. Deus está me castigando, vou ter que pagar o que fiz, se você não me perdoar vou entender, mas eu te peço, me perdoe, me ajude a pensar no que preciso fazer para ajudar aquele bebê que tenho certeza ser nosso neto.

Dona Marilene começou a gargalhar tão alto que chamou a atenção dos empregados. Quando parou, estava ofegante, ficou em silêncio e, olhando para o marido, respondeu:

— Olha a minha situação: sou casada com um BOTO, tenho um filho BOTO, um neto BOTO e outro BOTO que também é da família! Meu Deus, o que farei?

— Não preciso pensar muito para te dizer que amanhã voltaremos a casa de seu Raimundo, vamos batizar o bebê, seremos os padrinhos e vamos trazer ele e mãe para nossa casa, você empregue a família dela e esse “BOTINHO”, vai ser criado aqui e Sérgio vai assumir, registrando ele como filho, e não acredito que foi o seu perfume italiano usado pelo nosso filho que hipnotizou Madalena, não! Ela vai ter que me contar essa história direito. Você começou essa história e agora vai terminar, vá procurar a mãe de seu filho, reconheça o seu filho, registrando ele e lhe dando o seu sobrenome.

— Você me perdando, farei tudo o que você mandar, é essa a oportunidade que Deus está me oferecendo.

— Preste bem atenção, Batista. Quero pegar o Sérgio de surpresa quando ele vier nessas próximas férias. Vai encontrar o BOTINHO e sua mãe aqui, vamos ver o que ele deseja fazer em relação à moça. Quanto ao bebê, será reconhecido, e viverá nesta fazenda, ele não tem sangue de peixe, tem o nosso sangue.

— Bem, falava minha mãe que filho de peixe, peixinho é, tenho a prova aqui dentro da minha casa.

— Coitado do BOTO! Não pode se defender dos homens.

Maria Nazareth Doria



Sou jornalista e escritora, tenho 21 livros publicados, 6 deles traduzidos em espanhol, acumulei muitos prêmios e títulos, sou vencedora de alguns concursos literários, contos e poesias, inclusive um na cidade do Panamá, recentemente recebi a Medalha Cinquentenária da ABFIP- Associação Brasileira das Forças Internacionais da Paz, prêmio NOBEL da Paz de 1988 à 2002, essa medalha é outorgada pela ONU. Apresentei por 3 anos consecutivos o programa RAIZES INDÍGENAS (sou descendente indígena).



QUANDO O MAR ADORMECE

Na noite passada, saí para contemplar o mar, que aparentava estar calmo e misterioso. Eu estava hospedada na ilha, sozinha, após o final de um relacionamento demasiadamente conturbado. Aquele momento era exatamente a intersecção entre o pesadelo e a liberdade, tão esperada.

O escuro da noite disfarçava o reflexo das ondas, conforme seus movimentos, batendo constantemente na areia. Caminhei lentamente, tentando desvendar os segredos noturnos do mar, para desacelerar os maus pensamentos. A brisa gostosa acariciava meus cabelos, enquanto as ondas tocavam cuidadosamente meus pés, provocando arrepios pelo corpo inteiro.

Inclinei a cabeça, com a sensação de que as estrelas me observavam discretamente, como se adivinhassem meus pensamentos. O formato da lua nunca me pareceu tão perfeito, tão provido de detalhes, dando a impressão de ter sido traçado recentemente, e realçando ainda mais seu brilho.

Eu realmente nunca havia me sentido tão solitária, tão singular. Fechei os olhos para ouvir o clamor das ondas, mas um toque macio de mãos de cetim me fez refletir sobre a solidão. Um beijo longo e intenso me fez suspirar como nunca. Não seria meu ex? Nem mesmo um novo amor? Não sei, só sei que ele me fez companhia naquele assombroso universo... Fizemos juras de amor, e depois adormecemos junto ao mar, na esperança que o sol nos despertasse.

Roziane Custódio



Roziane Custódio nasceu em Santa Maria RS. Participou de algumas antologias, nas seguintes editoras: Editora Pindorama; editora Viverarte; editora Tenha Livros; Autor Quântico; editora Persona; editora Mhajulla; EHS edições; edições Converso e Dragonstonebooks. Facebook: Roziane Custódio | Instagram: @rozianecustodio.



VIDA-SALÁRIO

A criança saíra correndo em direção à sala e o pote de sorvete ficara derretendo em cima da mesa. Ela decidiu que, antes de devolvê-lo ao freezer, iria provar aquela massa meio mole, com pedaços de qualquer coisa que não sabia o que era.

-Você sabe quanto custa esse pote?

-Sim senhor.

“E é por isso que estou provando” pensou consigo, cabisbaixa, mas quase deixando escapar um sorriso.

O homem engravatado retomou o seu caminho em direção à porta, não sem antes deixar sobre a mesa da cozinha o copo sujo de iogurte. Era tudo que ele consumia pela manhã e ela se sentia quase grata nas raras vezes em que o copo era deixado ali. Ele sabia de sua quase gratidão e saia honrado por contribuir com as tarefas domésticas. De vez em quando, beijava o filho ao sair. Mas apenas se ele estivesse pelo caminho entre a cozinha e a porta principal.

Sim, a porta principal. Porque é claro que aquela casa, que custava oito quilossalários dela, tinha muitas portas, pelas quais ele podia sair para trabalhar ou atrás das quais ela podia ouvir conversas ou chorar baixinho.

Oito quilossalários. Oito mil meses, ou cerca de 660 anos. Ela sabia que morreria antes que pudesse comprar uma casa que fosse um centésimo daquela. Sabia também que aquele sorvete molengo custava cerca de três por cento de seu salário. Não sabia fazer essa conta, mas sabia que ele não cabia na compra da semana, que deveria alimentar a ela e aos três filhos. Alimentar em alguma medida. Porque a fome ela matava um pouco ali na casa do homem engravatado. As crianças matavam um pouco na escola, quando tinham escola e quando tinham merenda. Matavam também

com alguns restos de comida quase estragada que a patroa mandava de vez em quando.

A patroa usava cabelos perfeitamente descoloridos, que custavam cerca de um trissalário todo mês. E enquanto ela saía pela porta número um, a criança pintava sobre o porcelanato da sala. Coisa que a mãe anunciava esbravejando até sua voz sumir dentro do carro em que o motorista a aguardava.

A criança quase não tinha culpa pelos pais, mas quando eles saíam só sobrava o seu corpinho miúdo e quase inocente na sala de setenta metros quadrados. Setenta metros era também o dobro da casa em que ela morava com os dois filhos. E como só restava a criança, ela era o único objeto de ódio possível.

Como fosse também incapaz de fazer mal à criança, misturava em um balde os produtos mais fortes que encontrava pela lavanderia e pegava a escova com as cerdas mais duras. Sem luvas, esfregava o chão até que sumissem a tinta e a sua raiva. Tempo suficiente para que a mistura ardesse suas mãos e a escova riscasse o porcelanato da casa de oito quilossalários.

Marina Faloni



Marina Faloni (@marinafaloni) tem 29 anos. É natural de Frutal-MG. Graduiu-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Atualmente reside em Uberlândia-MG e trabalha com direito à moradia e direito urbanístico. Desde a adolescência, tem a escrita como refúgio para a compreensão das relações humanas e das dinâmicas territoriais e socioeconômicas. Publicou o poema “Broto” na “Antologia 100 Poetas Vivos” das Editoras Toma Aí Um Poema e Comala. Seu livro de estreia, “Bicho Geográfico”, foi selecionado para publicação pela editora Toma Aí Um Poema e está em processo de editoração.



VIVENDO COMO UMA MUSA

Hoje, ao refletir sobre minha jornada, percebo o quão profundo e emocionante é ser uma musa. Para mim, essa é mais do que uma simples inspiração; é uma conexão íntima com a arte e com aqueles que a criam. Cada dia, eu me esforço para encontrar beleza nas coisas ao meu redor e, ao fazer isso, descubro que sou uma ponte que conecta corações e mentes. Ser musa é sentir a emoção à flor da pele. Já estive em momentos em que a luz do sol atravessava as árvores de uma maneira tão mágica que me deixava sem palavras. É como se aquela cena simples me falasse diretamente, revelando segredos da vida e da criatividade. Quando compartilho essas experiências com os outros, é gratificante ver como uma simples observação pode causar inspiração em alguém.

Lembro-me de uma tarde em que vi um artista lutando para pegar no papel a essência de suas emoções. Eu me aproximei e apenas falei sobre a beleza do instante. Algo tão simples mas que parecia abrir uma porta; seus olhos brilharam, e sua mão começou a fluir livremente sobre o canvas. Naquele momento, percebi que ser musa não é apenas sobre ser admirada e bela, mas sim também sobre tocar outras pessoas de maneiras que podem mudar suas vidas. Às vezes, sinto o peso da responsabilidade que vem com esse papel. É uma coisa delicada, onde estou sempre tentando equilibrar a sensibilidade às emoções dos outros com a necessidade de expressar as minhas. Mas esse desafio é também o que torna tudo tão vivo e emocionante. Sinto que, ao me deixar vulnerável, eu encorajo os outros a fazerem o mesmo. Essa troca é o que torna a arte tão poderosa.

Nos momentos de solidão, quando as palavras me parecem distantes e a inspiração parece escassa, eu busco dentro de mim. É nesse espaço

silencioso que encontro a verdadeira essência das coisas. Descubro que a inspiração não é algo que eu dou, mas sim algo que compartilho; uma energia que flui entre mim e aqueles que estão dispostos a abrir seus corações e mentes.

Eu aceito as mudanças, permito que a vida me transforme em algo novo e empolgante a cada dia. Ao explorar diferentes paixões e interesses, percebo que minha identidade se expande. Eu me reinvento continuamente, criando um espaço onde novas histórias podem surgir e florescer.

E foi assim, ao olhar para minha vida, que eu vi que ser uma musa é um caminho repleto de emoções. É um convite para viver a autenticidade em sua forma mais pura, para encontrar beleza nas pequenas coisas e, principalmente, para ser um farol de inspiração para os outros. A magia está em fazer florescer o que há de mais lindo nas pessoas ao nosso redor, todos nós podemos ser e somos musas em nossas próprias histórias

Karol Torres



Natural de Porto Alegre, sou uma apaixonada pela arte e expressão criativa. Recentemente tive a honra de ser convidada pela segunda vez pela revista Autorretratos para compartilhar minha perspectiva e experiências. Estou imensamente grata e feliz por essa oportunidade que me permite conectar ainda mais com o mundo da cultura.



QUANTOS BATONS CABEM EM UMA BOLSA?

UM CONTO DE SIMONE E ALEXANDRE FRAENKEL

Antônia sente-se exausta apesar de muito jovem, com apenas trinta e cinco anos, o mundo para ela, assemelha-se a uma grande mochila presa às costas e sem trégua! Ela não dorme bem, alimenta-se mal, trabalha em excesso e ainda precisa de muita paciência e sabedoria para educar seus três filhos. O casamento de dez anos fica cada dia mais distante do sonho original.

"Quando meu marido se tornou quem é agora?" - ela pergunta a si mesma. "Será que sempre foi assim e eu não quis ver?" - a dúvida corrói seu coração. Contudo, é obrigada a conviver com os problemas e o cansaço, mantendo um sorriso ensaiado no espelho diariamente. "Não era para ser assim!" - ela reflete enquanto dirige.

Naquele dia em especial, tudo ao redor insiste em irritá-la! As crianças estão testando os seus limites, o trânsito é insuportável e seu marido acaba de enviar-lhe uma mensagem perturbadora:

"Acabei de saber que meu chefe e a esposa irão jantar em casa, hoje, para discutirmos assuntos importantes do trabalho. Prepare tudo da melhor maneira! Chegarão às vinte horas!"

Indignada, sua vontade é dirigir sem rumo até a gasolina acabar!

"Quem sabe não chego a Shangri-la?" - ela sempre se lembra do filme "Horizonte Perdido" (de mil novecentos e setenta e três) que assistiu quando pequena na companhia dos pais. A história que a tocou profundamente, era sobre a queda de um avião em algum lugar do Himalaia e, quando

buscam ajuda, os sobreviventes, encontram um lugar incomum! Lá, de-
frontam-se com a eterna juventude, a felicidade plena; além, do amor ver-
dadeiro! Uma abordagem sempre atual!

Porém, naquela noite, em conversa com Rita, esposa do chefe de Au-
rílio, seu marido, uma luz acendeu no seu coração! Falavam sobre estresse
e o quanto as pessoas, no geral, estão afetadas por ele e tornam-se, facil-
mente, reféns! Antônio, todavia, nem se lembra como assunto surgiu...
"Deve ter sido de maneira natural; espero! Tomara que não tenha come-
tido nenhum impropério!" - atribui a si mesma após as visitas saírem.

Rita comentou que uma amiga muito querida estava fazendo terapia
com um excelente profissional e viu a vida mudar como mágica: a carga da
rotina e as decepções acumuladas amenizaram-se pouco a pouco.

- Eu não a via sorrir por um longo período e não lembrava mais o
quanto o seu sorriso era lindo!

Isso deixou Antônio bastante animada; sem perder tempo pediu o
contato do médico. Tanto, que no dia seguinte, assim que o marido foi tra-
balhar, ligou para o consultório marcando uma consulta.

O prédio com apenas três andares está localizado em um bairro chi-
que da cidade. A indicação de Rita era mesmo quente; após uma pesquisa
rápida na internet, Antônio descobre que Leandro é chefe da psiquiatria
do melhor hospital do estado. Considerando tal histórico, ela pensa encon-
trar um senhor tão cansado quanto ela e assim, a cumplicidade entre os
dois será facilitada. Ledo engano! Um homem alto, moreno, cabelo impe-
cavelmente cortado, vestido de forma casual, porém elegante, atende-lhe
quando bate à porta. Ela calcula ter por volta de quarenta anos.

- Bem no horário! - diz com voz marcante.

Antônia também está surpresa pois nunca consegue chegar a tempo
nos lugares.

- Pode escolher onde sentar! - recomenda o homem.

- Obrigada!

A sala pequena com um sofá de dois lugares e duas poltronas colocadas lado a lado, não reflete a sofisticação do bairro. Ela escolhe o sofá, simplesmente por ser maior. Cruza as pernas e o encara. Ele escolhe uma das poltronas e sustenta-lhe o olhar!

"Que homem perigoso!" - pensa.

- Fale! Apresente-se brevemente, mencionando a indicação de procurar-me!

Enquanto Antônio fala, ele faz algumas anotações em uma ficha.

- Agora que já sei as informações técnicas, conte-me a sua história!

- Quanto tempo leva a consulta?

- A primeira dura duas horas; é o tempo que preciso para uma avaliação geral. As demais, dependendo do diagnóstico, durarão de cinquenta a sessenta minutos.

- Está ótimo! - ela responde.

O tempo voa e Leandro olha o relógio de pulso antes de dizer:

- Bem, nosso tempo está esgotado! Sugiro que venha duas vezes por semana. Nosso trabalho trará uma luz às suas indagações e ajudarão a transformá-la na mulher que nasceu para ser: madura, sensata e realizada!

- Prefiro às terças e quintas feiras; às catorze horas!

- Combinado! Até a próxima!

Antônia volta para casa onde a ansiedade e o desespero a aguardam! E quem tem filhos pequenos sabe que as crianças exigem cada dia mais atenção. Aurélio não ajuda a esposa nas questões familiares. Sempre tem a mesma resposta na ponta da língua:

- Mas, não foi você quem quis filhos? Agora aguenta!

- São seus também!

- Isso, nunca neguei! Mas, não quero participar dos detalhes; só isso!

- Pare de agir desse jeito porque acho que estou me apaixonando novamente por você! - ironiza ela.

Na segunda sessão, Antônio, milagrosamente, chega novamente no horário. Ele abre a porta como da primeira vez, mas não com tanta formalidade.

- Oi! No horário! Você é pontual!

"De jeito nenhum!" - retruca ela em pensamento. "Isso começa a ficar estranho! Ele tem que saber quem eu sou, o que penso e o que quero para poder me ajudar e não quem ele imagina que eu seja!" - ele interrompe seus lampejos.

- Confortável? Quer que eu aumente o ar condicionado?

Ela senta no mesmo lugar e cruza as pernas da mesma maneira.

- Está ótimo, obrigada!

- Pode começar! Acho que ainda não chegou no ponto principal, não é?

- Estou quase lá...

E Antônio fala sobre a infância, a perspectiva na adolescência e nas fantasias que a acompanhavam.

O médico que dificilmente a interrompe, o faz bruscamente:

- Preste bastante atenção no que vou dizer: não importa como a sua história ocorreu. Para mim, basta saber como a sentiu; sua percepção dos fatos! Isso marca e são essas emoções que teremos que trabalhar! Vamos encerrar com essa noção para que possa refletir sobre isso. Até quinta-feira. Obrigado!

- Até lá! Tchau!

Evidente que Antônio nada disse sobre as consultas ao marido. "Vou esperar para ver no que vai dar!" - foi a conclusão que resolveu abraçar.

Na terceira consulta, chega mais uma vez no horário e é quando nota que quando se sente à vontade e tem realmente a necessidade de algo, é capaz de cumprir os compromissos adequadamente. Ele a atende mais despojado ainda; calça jeans e camisa claras e descalço!

"Lindo!" - ela pensa e imediatamente arrepende-se. "Preciso tomar o dobro do cuidado! Sei de muitos relatos de pacientes apaixonadas pelo terapeuta; acham até mesmo natural, mas isso eu não deixarei acontecer! Não cairei em outra armadilha!"

- Tudo bem? - ele pergunta.

- Sim!

- Você se incomoda se eu sentar no chão?

- Claro que não!

Antônia senta no mesmo lugar e do mesmo modo para registrar seu estilo e mostrar-lhe sua personalidade.

- Está preparada?

- Sempre!

Ele a encara e sorri maliciosamente.

- Comece! - ordena. - O que a aflige mais nesse momento?

Ela discorre sobre o marido, os filhos, as escolhas insensatas, as mágoas acumuladas e a falta de esperança e, no final da consulta ressalta:

- Percebeu que hoje foi o dia que mais conversamos?

- Eu não converso com você! Funciono como seu espelho; respondo e pergunto tudo aquilo que você precisa saber e ouvir. É assim que trabalho, não posso intervir, nem interferir na sua vida. Só facilito que você se enxergue e se posicione. Tudo depende de você! Entende?

- Sim! - responde visivelmente decepcionada.

Ele nota o desapontamento da jovem mulher e propõe:

- Vou sugerir-lhe uma estratégia para burlar qualquer desilusão! O que você gosta de comprar e de pequeno valor?

- Não sei!

- Pense rápido! Algum item que sempre lhe proporciona encanto! Brincos? Anéis? Maquiagens?

- Batom!

- Ótimo! A brincadeira é assim: toda vez que estiver a ponto de explodir, é sinal que precisa de uma pausa para focar seus pensamentos em algo totalmente diferente do que a está preocupando ou aborrecendo. Na cena seguinte à decepção, vá comprar um batom! Escolha uma cor diferente cada vez. Procure embalagens variadas e bonitas! Sinta que está se presenteando porque você se dá valor e merece. Com o tempo, garanto que será o escape suficiente para não entrar em pânico. Você não precisa de medicação! Só falta-lhe enxergar o quanto é especial! E outra coisa, compre uma bolsa maior! Mulheres maduras usam bolsas grandes que sirvam de apoio e carreguem o necessário para resolver pequenas questões.

Ela arregala os olhos! "Que bobagem é essa de comprar uma bolsa maior? Quer dizer que me comporto igual à criança? Da próxima vez venho com uma mala de mão!"

Contudo, ela acaba aceitando ambas as sugestões.

Na semana seguinte, Antônia, sente-se mais confiante e começa acreditar que conseguirá resolver as questões que a sufocam. Entretanto, as crianças insistem em enlouquecê-la enquanto tenta deixá-las na escola no horário. A filha do meio instiga os irmãos a brigarem. E a mãe implora para que se comportem.

Cumprida a missão, ela para em frente a uma farmácia e caminha até a sessão de beleza. Procura desesperadamente um batom! Escolhe uma cor discreta e logo percebe que o tempo gasto ali a deixa entretida e, portanto, mais relaxada! "Não é que funciona?" - pensa. - "Esse médico é bom! Muito bom mesmo!"

A noite, o marido a provoca sem piedade:

- Não sei por que reclama tanto! Sua vida é um mar de rosas!

- Você acha? E a sua, não é?

- Eu trabalho feito escravo e não consigo sua atenção, nem companhia! Está normalmente estressada, nervosa e ocupada demais para notar as coisas que preciso!

- Isso porque você não ajuda, Aurélio! Eu trabalho fora e em casa! - Antônio é professora particular de francês e tradutora; por isso, tem a liberdade para ajustar seus compromissos como queira.

Ele a olha com desdém e nada responde!

"Amanhã vou comprar um batom caro e importado!" - conclui ela.

Três meses depois, Antônio chega à consulta ainda no horário; porém, está desanimada! Não percebe que evoluiu o que esperava desde o dia que conheceu o psiquiatra. Ela entra cabisbaixa e aguarda as instruções do médico. Ele, muito sábio, propõe:

- Venha, vamos nos sentar no chão!

Ela obedece sem euforia.

- Vamos dar continuidade à primeira proposta que fiz! Vire sua bolsa para vermos o que contêm!

- Isso é particular!

- Seus sentimentos também o são e falamos sempre sobre eles. Confie! Sou médico e já vi um pouco de cada coisa!

Antônia vira a bolsa e muitos batons espalham-se pelo chão!

- Veja só isso! - exclama Leandro.

- São muitos! - confirma a jovem.

- Vamos prosseguir com o jogo. Vou pegar um por um e quero que me ajude a classificá-los por sentimentos. Por exemplo, esse, com embalagem

bonita! O que estava sentindo quando o comprou? Frustração, raiva, solidão, mágoa, arrependimento, falta de esperança ou nervosismo?

- Frustração!

- Interessante! E esse?

- Mágoa!

Assim continuam até formarem pequenos grupos no chão.

- Perceba como é possível obtermos resposta confiável com essa simples brincadeira! O grupo que classificamos como frustração é o maior de todos e em segundo lugar, está o grupo do arrependimento. Não foi a mágoa, a falta de esperança, nem o nervosismo que mais a tocaram. Você se sente frustrada e arrependida de não fazer o que seu coração pede!

Antônia fica chocada com o resultado!

- Agora, seja sincera, pelo menos aqui! O que a está deixando frustrada?

- A vida e as opções que tenho!

- E do que se arrepende?

- De não ter coragem de mudar o que me incomoda!

- Parabéns, garota! Hoje você avançou vários degraus na escalada da sua vitória! Estou orgulhoso! No próximo exercício, o objetivo será obter respostas para resolver a situação!

Antônia volta para casa feliz com o progresso no tratamento, mas temerosa pelas próximas etapas! Ela aproveita para refletir: "Hoje dei o primeiro passo rumo à minha vitória, faltam todos os outros! Mas, agora sei que é possível!"

"É mesmo como dizem: Crescer dói! E as escolhas que fazemos em determinadas etapas, já não servem quando amadurecemos!"

"Mudar tanto ao ponto de precisarmos ser apresentadas, novamente, às pessoas que nos cercam! - esse é o lema."

Simone & Alexandre Fraenkel



Simone é paulista e Alexandre, gaúcho; o encontro se deu em Florianópolis onde vivem, casados a vinte anos. A harmonia entre os dois de tão perfeita reflete-se nas histórias que escrevem, sempre a quatro mãos. Gostam de trocar ideias com leitores interessados em saber como criam suas obras. E adoram dividir suas experiências de viagens. Viajar é paixão de ambos! "Costumamos dizer que durante o dia somos pessoas normais, iguais a qualquer outra; na madrugada, emprestamos nossas almas para darmos vida aos diversos personagens que criamos!". "Nosso interesse é entreter; oferecer elementos para o leitor sentir-se parte da trama! Para as nossas histórias ecoarem em seus corações o maior tempo possível!".



UM FUTURO ESCURO

O céu estava cinza. Aliás, ele sempre estava cinza, como num eterno inverno sombrio. Lembrava filmes antigos, como Blade Runner. Os seres humanos, já sabiam naquela época, que o seu futuro seria catastrófico. Várias produções cinematográficas, do final do século XX e da primeira metade do século XXI, anunciavam um futuro com catástrofes climáticas, econômicas, sanitárias e sociais. O porquê de não fazerem nada, é o que os seres humanos atuais, não entendiam.

Ela atravessou a rua cheia de água escura da chuva contaminada. As poças se acumulavam. Era impossível transitar sem se molhar. Abrigou-se na cafeteria. Olhou ao redor e sentou-se na última mesa, nos fundos do lado da janela. Pediu um café simples. Isso já era um atentado à saúde. Comer estava além da imaginação. Na melhor das hipóteses era algo a base de insetos, que eram a única coisa abundante, além dos fungos. Fazia muitas décadas, que não havia café natural, de verdade. O café atual era uma bebida feita a partir de uma infusão, com ingredientes que ninguém fazia questão de perguntar o que eram e de onde vinham. Não havia opções, já que não havia comida normal. Apenas comida de laboratório, com saborização artificial.

Finalmente viu o indivíduo que esperava driblar a poça d'água da esquina e entrar no café. Seguiu reto sem olhar para os lados. Nem sentou. Jogou um pacote em cima da minúscula mesa e alertou para não haver atrasos. E girou saindo tão rápido, como entrara. Só viu seu vulto sumindo na escuridão do beco do outro lado da rua.

Ela, atrás da mesinha, olhou para o pacote e pensou por alguns segundos. Depois colocou o pacote no bolso e saiu levantando a gola do

capote e puxando a máscara para cobrir o rosto. Esperava que toda aquela água suja que descia do céu, não lhe fizesse mal.

Andou algumas quadras e desceu para pegar o transporte subterrâneo. Melhor opção para um dia, como aquele. O transporte aéreo ficava comprometido com tantos raios e chuva. E para onde deveria ir, o transporte aéreo, não chegava.

Desceu os degraus de dois em dois e correu, para entrar antes que a porta se fechasse. Passou seu braço com o chip de identificação no monitor da porta e fez um registro mental de que precisava recarregar as unidades de transporte. Não fizera na última semana e logo estaria sem créditos.

Vinte minutos mais tarde, abria o portão de uma casa centenária, no subúrbio. Com passos firmes subiu o caminho estreito de pedras e depois de cinco lances de escadas atravessava a porta pesada de madeira. Não sabia, como aquela estrutura, ainda estava de pé. Atualmente era tudo automatizado e de matérias-primas sintéticas. Não se usava fibras naturais há mais de um século e meio. A parte superior da casa, havia resistido ao tempo, as agitações políticas e populacionais, e as intempéries causadas pelas constantes catástrofes ambientais.

Rumou para os fundos da construção em ruínas e após passar seu pulso à esquerda, na lateral de uma estrutura, com velhos livros de papel, uma porta abriu no canto oposto. Entrou e desceu mais alguns lances de escada, passou um corredor estreito e por fim virou para a direita chegando num grande salão com umas poltronas e um buraco que fingia ser uma lareira antiga. O aquecimento estava ligado. E nem de longe a temperatura do ambiente se parecia, com os quase zero grau, que estava do lado de fora, na chuva.

Tirou o capote encharcado. Sacudiu-o e o colocou no porta-casacos do lado da porta, por onde chegara ao recinto. Pegou o pacote do bolso interno da vestimenta e entregou para um homem grisalho, com corpo

avantajado, que enchia a poltrona, na frente da falsa lareira. Ele era nostálgico. Casa antiga, lareira... Era um admirador dos velhos tempos, quando a tecnologia não tinha feito tanto estrago, nas sociedades. O sol aparecia e as estações eram bem definidas. Quando se comia frutas e legumes comprados em grandes supermercados, ou em feiras de produtos orgânicos. Quando o homem ainda podia contemplar paisagens naturais, que agora só existiam nos livros digitais.

O homem grande passou a desembulhar o pacote e sorriu, quando tirou a última camada do plástico biodegradável. Seus olhos brilharam ao ver o conteúdo. Orgulhoso ergueu e disse:

- Feliz Aniversário, minha filha.

- Pai! É lindo! O senhor é o máximo. – Enquanto falava, suas mãos hábeis abriram a tampa. Uma bailarina dançava ao som do clássico de Elvis Presley, Love Me Tender, que seu pai amava. Era um cantor e ator famoso do século XX.

Muitos, como seu pai, eram saudosos dos tempos em que o mundo era mais simples e podiam comer comida de verdade. Não a ração de sabor terrível e procedência duvidosa, que era distribuída pelo governo. A humanidade estava mais tecnológica, mas não estava melhor. Continuava prejudicando o ambiente e mais egoísta do que nunca. Havia piratas e delatores por todos os lados. Onde achavam minério, a vida que restava era totalmente extinta. Não importava se era vegetal, animal ou humana. Apenas lucro importava.

Aquele objeto tão simples, com uma beleza tão singela, provava que no passado, os seres humanos já haviam vivido melhor. Agora eram apenas uma massa controlada pelos órgãos estatais, com sentimentos e vidas egoístas. Sim, havia rebeldes, mas não se sabia por quanto tempo iriam resistir. O controle populacional era cada dia maior. E as vidas de todos eram controladas, pelos sensores, em seus braços. E os fiscais de setores,

que por sua vez, davam explicações aos alcaides distritais, exerciam junto com a guarda do governo, um rígido acompanhamento das pessoas. Uma palavra de crítica ou desacordo dita, era suficiente para que sua porta fosse arrombada e você fosse preso.

Mas ali, seu pai criara um refúgio. Ele conseguira interferir no sistema. E tantos metros abaixo da superfície e com tanto concreto velho em cima, tinham uma certa liberdade. Isso agradava a Sophia. Pegou a pequena caixa e sacudiu os longos cabelos louros, enquanto seguia, para aquilo que chamava de quarto.

Teriam um jantar à moda antiga, com legumes de verdade, que seu pai cultivava em caixotes sintéticos, com luz artificial e água destilada. As sementes foram retiradas do laboratório central, antes do ataque externo, que destruíra as reservas genéticas, chamadas de arca, onde estavam guardados vários lotes dos principais alimentos produzidos, no mundo.

Era difícil acreditar. Era quase como um culto poder saborear devagar, aquele alimento puro e natural. Como era fascinante algo tão simples, que poucos na humanidade atual, sabiam como era. Havia algumas colônias fora dos limites, que diziam que viviam de forma mais harmônica com o meio ambiente. Sophia sonhava em conseguir sair e ir embora. Desejava conhecer um lugar com água corrente, ar puro e comida colorida. Como faziam muito tempo atrás. Mesmo vivendo miseravelmente, a humanidade ainda carecia de entender e aprender o que era viver bem.

Durante o jantar, soou o alarme silencioso do perímetro que seu pai colocara. Alguém invadira o perímetro da casa. O monitoramento mostrou que era apenas um gato. Ela tinha muita vontade de ter um bichinho, como aquele, mas esse que entrara na casa, lá no alto, provavelmente não era um ser vivo de verdade. Devia ser mais um tipo de androide, enviado para encontrar e delatar o paradeiro de rebeldes.

O melhor era fingir que não havia ninguém. Do contrário, policiais andróides, poderiam aparecer. E se isso ocorresse, com certeza iriam presos e seriam torturados por produzir comida em casa. Seriam considerados inimigos do Estado.

Assim, continuaram comendo o mais silenciosamente possível. Depois do jantar, pai e filha pegaram um livro cada um, da estante na frente do velho piano e dedicaram-se a leitura. O gato deveria permanecer dentro da casa durante a noite, na sua busca por rebeldes. No subsolo, eles estavam seguros.

Logo que a manhã chegou, o perigo do gato parecia superado e puderam voltar para as suas atividades normais. Vida que segue, numa Terra desolada.

Glenda Brum de Oliveira



Glenda Brum de Oliveira, é de SC. Tem 5 livros publicados e participa em mais de 150 antologias. É membro de 12 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Áustria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista das Revistas Casa de Escritores e Autorretratos; colaboradora da Revista The Bard e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Recebeu os diplomas Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada com os títulos de título Embaixadora de La Paz; Doutora Honoris Causa, em Literatura, Chanceler das Artes, no Prize of Artes; o título de Grão- Mestre das Artes; e o título de Embaixadora Cultural Brasil África.



INVASÃO ALIENÍGENA

Às vezes, penso que o sinal mais forte da existência de vida inteligente em outra parte do universo, é que eles nunca entraram em contato conosco.

Calvin

Fazia tempo que eles andavam vigiando a Terra. Meio às escondidas, nas altas horas da madrugada, momentos em que a maioria da população estava dormindo. E lá estavam eles investigando, coletando dados sobre os humanos. Ou pior, ainda, tentando colocar um chip nos cérebros dos terráqueos, enquanto eles se entregavam aos braços de Morfeu.

Durante séculos, cogitou-se a possibilidade de os extraterrestres existirem, de habitarem outras galáxias, outros planetas e, geralmente, acreditava-se que eles eram seres evoluídos e pacíficos. E isso trazia certa tranquilidade àqueles que não acreditavam — nem desacreditavam. O que ia ao encontro do ditado popular originário da Galiza: *No creo en brujas, pero que las hay, las hay*.

As pessoas riam muito quando o assunto, que reinava nos botecos da vida, era sobre alienígenas. Entre as risadas dos frequentadores, somente os bêbados afirmavam a existência dos Aliens. Alguns interagiam com ares desconfiados, e algumas pitadas de “talvez”. Outros diziam, de forma categórica, que não existiam. Mas, os bêbados assentiam, pois acreditavam, piamente, na existência de vida fora da Terra.

Eles se enfiavam no meio da discussão e, iam dando pitacos aqui e acolá. E a conversa ficava animada, quando cada um dos ébrios, que mal conseguia se colocar em pé, argumentava a existência — de um jeito comum, mas, também, bastante peculiar aos miseráveis, aos esquecidos, aos embriagados — deste triste mundo de Deus. E o papo seguia, cheio de argumentos forrados de crenças populares.

— É muita presunção nossa acreditar que só há pessoas na Terra. Dizia Osvaldo.

— E digo mais. Dizia Tide, às vezes, nós é que somos os alienígenas.

E gargalhava com a boca escancarada, e que, por isso, desnudava uma terrível falta de dentes, na parte de cima e, na parte de baixo. E fazia

caretas, e ia falando e rindo, de modo a lançar um hálito de éter, que se espalhava entre as mesas, invadindo a atmosfera do bar.

— Pois eu, também, acho que eles existem. Os ETs ficam espionando a gente — dia e noite. Em Cornélio Procópio, muitas pessoas já viram, e até fotografaram alguns OVNIS. Qualquer dia desses, eles aterrissem por aqui. Dai quero ver o corre-corre.

E gargalhava de forma tão escancarada, que deixava cair saliva, no rosto, e no corpo dos que ali estavam.

E a risada seguia solta e estridente.

— Mas apareceu, também, em Visconde de Mauá. Eu li, no jornalzinho do bairro. Dizia outro, encharcado pela cachaça. E, em seguida, gargalhava de forma esganiçada e ressonante.

— E apareceram em Penedo, também. Dizia outro, meio cambaleando.

— Mas o lugar que mais tem gente que avista OVNIS é em São Tomé das Letras, lá pelas bandas de Minas Gerais. Dizia outro, meio capengando.

— Mas aí já não é visão, meu caro, aí é o efeito da erva. Dizia outro, ainda, gargalhando, e fartando-se dos goles da “bendita”, que caía dentro e fora da boca.

E de repente, um bêbado sai do banheiro com a braguilha das calças aberta, e diz, cuspiendo, naqueles que estavam sentados às mesas:

— Eu. Eu. Eu acredito que existam muitos alienígenas. Eu já vi até fotografias deles. Olha, eu sou um bicho feio, mas eles ganham de mim, são feios de doer os ossos.

E ria alto. E falava e cuspiu saliva por todos os cantos.

Os clientes habituais e os sazonais já haviam deixado o boteco há algum tempo. Mas os bêbados, ainda estavam lá, discutindo sobre alienígenas. E a noite terminava sempre do mesmo jeito, com o dono do boteco,

no ápice da madrugada, brigando, esculachando e botando todo mundo para correr.

— Vamos acabar com esse papo de bêbado, agora. Que alienígena o quê? Eles não existem, é pura invenção. Vocês não têm que levantar cedo, né? Mas eu tenho. Estou fechando o recinto, bando de estabanados, de desocupados. Dizia, tocando as pessoas com uma vassoura.

Conversa de bar ou não, papo de ébrio ou não. Ultimamente, as pessoas de muitos lugares, no mundo, incluindo a população dos Estados Unidos da América, e até mesmo, da Turquia, estavam apavoradas devido aos objetos não identificados que apareceram no céu. Luzes estranhas, movimentos rotativos de várias naves, nuvens gigantes em formato de espiral. Muitos filmaram esses fenômenos, na imensidão do céu terrestre.

E parece que a preferência dos alienígenas era mesmo os Estados Unidos. Eles sobrevoavam as áreas militares, incluindo a Área 51, um centro de Operações Sigilosas do país. Todos estavam atentos a qualquer nave ou objeto suspeito, que pudesse surgir, repentinamente, no ar. E se eles estavam monitorando os humanos. Os humanos, também, monitoravam os alienígenas.

Para a NASA, os objetos eram drones, apenas. Mas a investigação americana seguia afiada e, nenhum fenômeno, na imensidão do céu, escapava sem ser, devidamente, investigado. Eram observados continuamente e catalogados, partícula por partícula.

E o assunto que assustou muita gente, e criou grande alvoroço, na Mídia, foi arrefecendo, arrefecendo, até que morreu. Mas, no Bar do Tônico, os papos de bêbados continuavam, dando visibilidade ao assunto. E parecia mesmo que eles eram entendidos.

E na quinta-feira, a reunião dos bêbados inteligentes começou mais cedo, e quase varou a noite, no Boteco do Tônico. Logo que chegaram,

ainda meio sóbrios, começaram a falar, magistralmente, sobre extraterrestres.

— Zé, eu vou te falar uma coisa, os alienígenas existem e eles são muitos. São milhares. O nome deles é pleiadianos. Eu estou por dentro de tudo. Eles são parecidos com os homens do norte da Escandinávia, são brancos e altos e possuem cabelos claros e olhos azuis. Li, também, que eles são amistosos, cheios de bondade humana, porque seres de luz. Não há o que temer se eles aterrissarem por aqui.

— Tonhão, você tome tento, meu caro, porque eles não são tão bonzinhos como você pensa. Nem são chamados seres de luz. Eu já estudei muito, eles são bem diferentes: são maus, rastejam pela superfície, e são chamados reptilianos, porque se assemelham aos lagartos. Eles são assassinos. Se aparecessem aqui, você seria o primeiro a morrer.

— Eu não acredito nisso, eles são pacíficos. Dizia Tonhão.

E já com o teor alcoólico fervendo, no sangue, a conversa entre os bêbados ia ficando mais quente. E cada um tinha uma ideia totalmente diferente sobre extraterrestres.

— Ninguém aqui sabe o que está falando. Esses alienígenas são perigosos, têm a imagem de serpentes, e só querem causar mal a Terra. Objetivam a destruição do planeta. Eles entram nos corpos dos políticos e dos padres, e manipulam, armando guerras alicerçadas em mentiras. Esses extraterrestres invadem a mente humana e manipulam os caras. Também, mudam de forma, ora são serpentes; ora, humanoides. Tô dizendo, são bichos ferozes. Temos que colocar nossas barbas de molho.

— Tonhão, Zé e Tide, por favor, calem a boca. Osvaldo, você, também, fecha o bico. Cerra a matraca, cara. Vocês só falam asneiras. Eu tenho lido muito. E tenho conversado com o Geraldo, que é estudado, e tudo o mais, e coisa. Os alienígenas são conhecidos como humanoides, a pele do corpo deles é cinza, eles têm olhos grandes, corpos pequenos e dedos

longos, e são capazes de adivinhar o que qualquer humano pensa. Eles querem roubar a inteligência humana, e se precisarem secar os cérebros dos homens, eles secam. As pessoas são abduzidas para outra dimensão, e lá, os *Greys* roubam suas mentes. Usam da telepatia para sugar energia. Por isso, todo cuidado é pouco.

E lá pela meia noite, com a alma encharcada de cachaça, os bêbados continuavam a conversa. O papo estava bom e animado. Eles falavam e falavam, usando um vocabulário raso, expressando-se, por meio do um repertório particular — unido às conversas que ouviam desde pequenos. Falavam com muita dificuldade, devido à bebedeira, pois mal conseguiam pronunciar as palavras, quanto mais argumentar. Mas todos tinham conceitos a respeito dos extraterrestres.

— Se o Geraldão falou isso pra você, já dá pra ver que ele não manja nada. Essa coisa de alienígena ser grande demais ou pequeno demais, ser branco, cinza ou um réptil não se escreve nem se considera. Eu vou dizer uma coisa pra vocês, os extraterrestres não têm as formas que vocês tão falando. Eles são parecidos com bodes, e todos são filhos do demo. Em Barretinho do Alto, numa época passada, as crianças recém-nascidas morriam, não passavam dos sete dias de nascidos. Sabem por que isso acontecia? Porque o Chupa-Cabra ia beber o sangue do umbigo das crianças, e elas morriam. Eles queriam, como os vampiros, alimentarem-se de sangue novo. Foi um período tão horrível que, hoje, Barretinho do Alto é inabitável, todos os moradores fugiram de lá. E quem eram essas cabras? Eram os alienígenas.

— Concordo com você, Malaquias. Eu mesmo presenciei os Chupa-Cabra aterrorizando as casas do povo da roça. Muitas crianças morreram. Eu só não sabia que esses bichos demoníacos eram os alienígenas. Dizia Firmino, tentando fixar os pés no chão.

E ouvindo dizer que estava bêbado demais para alguém crer em seu discurso, Firmino tentou várias vezes fazer o quatro — para provar que estava sóbrio. E continuou afirmando que presenciara as cabras chupando os umbigos dos recém-nascidos, em sua cidade natal. Segurava nos amigos para não cair. E dizia:

— Será o Chupa-Cabra é mesmo um alienígena?

— Eles são. Firmino, tô lhe dizendo. Eles são alienígenas. São descendentes de vampiros, são mortos-vivos, seres que voam e se alimentam de sangue humano. São poderosos e aparecem e desaparecem, no ar, num piscar de olhos. Eles somem, evaporam-se, bem na sua frente. É assustador.

E fazendo o sinal da cruz, Firmino entorna a garrafa goela abaixo. E em seguida, diz, erguendo as mãos em total desequilíbrio, e virando-se para o dono do bar:

— Tônico, faz favor, traz mais duas garrafas de aguardente.

— Essa coisa de Chupa-Cabra não existe, gente. É folclore. Vai me dizer que esses quadrúpedes andam como a gente? Quadrúpede é quadrúpede. Ora bolas.

— Tô lhe dizendo, eles têm espinhos por todo o corpo, garras em lugar de mãos, e andam como a gente, com dois pés. Dizia Malaquias.

— Tá me dizendo que os bodes andam como a gente? Que os bodes são alienígenas e chupam o sangue do umbigo dos recém-nascidos? Essa história é para boi dormir. Dizia Luiz Fabinho.

— Fabinho, por Deus que tá no céu que é verdade. Me diz, então, por que as crianças morriam em Barretinho do Alto?

— Já falei, e vou repetir, os alienígenas são altos, têm mais de dois metros cada um, e se reproduzem por telepatia. Eles se conectam e, minutos depois, já têm meia dúzia deles. Dizia outro.

E aquela quinta, soando duas da madrugada, já anunciando o nascimento do outro dia, terminou com Tonico enxotando todos de lá à vassouradas.

Não foi nada fácil tirar os ébrios do boteco, Tonico teve um trabalho danado. Eles saiam, meio cambaleando em total bordejo, e iam falando sobre os alienígenas. E mesmo do lado de fora do bar, eles continuaram o falatório.

— Tô lhe falando, é o que sempre repito e digo, os pleiadianos são nossa esperança de paz, na Terra, a nossa esperança de paz. Repetia Osvaldo, sem cessar.

Demorou muito para que o silêncio se fizesse presente, no quarteirão inteiro.

Tonico fechou o bar.

Ao apagar as luzes, sentiu um frio, na espinha. Em casa, antes de dormir, rezou três Ave Marias e dois Cremos em Cruz.

Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do **Cinco Minutos UnG** e coordenadora do **UnGNews**. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De*

Prima, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: História e Resistência; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.



MINHA HISTÓRIA DE AMOR ETERNO

Era fevereiro de 1993, e eu estava em Brasília visitando minha família. Em meio a uma conversa despretensiosa, minha irmã comentou:

– Nossa, a Diana foi a única que nunca foi ao Rio de Janeiro.

Minha mãe, sempre generosa, olhou para mim e disse:

– Poderia ir já que está aqui tão perto. Eu lhe darei as passagens.

Ainda hoje, consigo sentir a alegria que me invadiu o coração naquele momento. Seria uma surpresa maravilhosa! Na época, eu era universitária, sem trabalho e com poucos recursos, mas, mesmo assim, decidi aceitar a oferta.

Ao chegar ao Rio, a primeira surpresa: encontrei uma amiga e sua filha hospedadas na casa das minhas tias. Juntas, visitamos diversos lugares: o Museu de Arte na Lapa, a igreja onde assistimos cantos gregorianos entoados por monges capuchinhos e, como grande destaque, o show dos Titãs no Hollywood Rock. Nunca em toda minha vida eu havia me divertido tanto.

Entretanto, como toda boa viagem, a despedida chegou. Minhas amigas retornaram, e fiquei com as tias. Quando o Carnaval começou, me vi sem companhia para aproveitar as festas. Foi então que minha tia, sempre prestativa, decidiu me apresentar à sobrinha de uma amiga. Ela se tornou minha parceira nas bandinhas de carnaval da Zona Sul.

Essa viagem marcou minha vida de forma especial. Até hoje, guardo cada momento como se fosse um pequeno tesouro, revivendo as emoções daquela época.

Carnaval na Zona Sul

Com minha nova companheira de aventuras, mergulhei no universo das bandinhas de carnaval da Zona Sul. Era tudo novidade para mim: o som das marchinhas ecoando pelas ruas, os confetes coloridos dançando no ar, e as pessoas, todas sorridentes, compartilhando a alegria do momento.

Lembro-me de um desfile em particular, onde seguimos uma bandinha pelas ruas de Ipanema. O calor do verão era intenso, mas a energia das pessoas era contagiante. Sentia-me parte de algo maior, uma celebração espontânea e vibrante que parecia transformar o Rio em um palco a céu aberto.

Minha nova amiga mostrou-se uma ótima companhia, divertida e leve. Caminhávamos por blocos e bares, rindo e conhecendo gente nova pelo caminho. À noite, voltávamos exaustas, mas felizes, para a casa das minhas tias, onde o silêncio só era interrompido pelo som distante de outros blocos ainda em festa.

Foi uma experiência única. Mesmo sem planejar, vivi momentos que me ensinaram o valor da espontaneidade. E, mais do que isso, entendi que às vezes as melhores memórias surgem dos encontros inesperados e das decisões de última hora.

Scott Haley e o Carnaval

Estava tudo incrivelmente divertido naquela tarde de carnaval. As bandinhas animavam as ruas, e nós seguíamos no ritmo, quando avistamos um estrangeiro simplesmente encantador. Ele tinha cerca de um metro e noventa, era muito musculoso, mas o que mais chamava atenção era seu sorriso — cativante e iluminado. Ficamos boquiabertas.

Minha amiga, fluente em inglês e destemida, decidiu puxar conversa. Eu, tímida e com um inglês vacilante, fiquei quieta. Ele respondeu todas as perguntas dela com gentileza e aquele sorriso encantador, mas seus olhos não deixavam os meus. À medida que o desfile avançava, fui criando coragem e arriscando algumas palavras no idioma. Ele parecia gostar da minha timidez e me incentivava com olhares e gestos carinhosos.

No final do desfile, minha amiga desapareceu, aborrecida sem motivo aparente. Sozinha e sem saber como voltar para casa, permaneci ali. Ficamos conversando por horas sem perceber o tempo passar. Seu olhar meigo e seu sorriso espontâneo ficaram gravados em minha memória.

Ele se apresentou: Scott Haley. Era mais velho, embora não aparentasse, piloto de uma companhia aérea e jornalista. Estava no Rio para cobrir o carnaval para a revista da empresa. Naquela noite, me levou para jantar com alguns colegas de trabalho. O jantar foi maravilhoso. Entre risadas e conversas, ele me deu o apelido de "Baby" e, ao me deixar em casa, combinamos de nos encontrar no dia seguinte.

O que se seguiu foram quatro dias mágicos, que hoje guardo como alguns dos melhores da minha vida. Scott era o homem mais charmoso,

meigo e gentil que já conheci. Passeamos pelo Arpoador, onde ele demonstrou ser um exímio nadador. Ele me contou histórias de uma ilha em Bali que visitou, sempre cuidando de mim com a ternura que fazia jus ao apelido "Baby".

Preparamos juntos refeições deliciosas, e ele insistia para que eu sorrisse mais. Entre bailes, desfiles de escolas de samba e passeios pela praia, vivemos uma conexão especial. Scott Haley foi um encontro inesperado que transformou aquele carnaval em algo inesquecível.

A Despedida e o Silêncio

A despedida foi marcada por lágrimas silenciosas, mesmo daquele homem enorme e confiante que parecia inabalável. Seu abraço era tão forte quanto acolhedor, como se quisesse guardar para sempre o momento em que estivemos juntos. A promessa de continuar em contato foi a única coisa que me confortou ao vê-lo partir.

Durante dois anos, nossas cartas foram como pontes entre mundos. Ele escrevia de lugares distantes, descrevendo paisagens exóticas, momentos de trabalho e lembranças das nossas conversas no Rio. Suas palavras sempre tinham um tom doce e protetor, e eu conseguia sentir o mesmo carinho e cuidado que ele demonstrava pessoalmente. Scott nunca deixava de me lembrar do meu sorriso, dizendo que ele iluminava mais do que qualquer sol que já tinha visto nas suas viagens.

Era como se estivéssemos conectados por algo invisível, mas profundamente real. Cada carta trazia um pedaço dele, e, de certa forma, ele continuava ao meu lado, mesmo que fisicamente distante. Quando ele me

escreveu dizendo que sua próxima parada seria a minha cidade, fiquei eufórica. O reencontro parecia o destino finalmente nos dando uma segunda chance de viver o que havíamos começado no Rio.

Mas, então, veio o silêncio. As cartas pararam. A espera, que antes era preenchida pela antecipação, tornou-se angustiante. Algo parecia errado. Procurei respostas, e foi na internet que me deparei com a notícia que destruiria meu coração: um acidente de avião, sem sobreviventes.

Lá estava o nome dele — Scott Haley.

A confirmação foi como um golpe. A dor era tão profunda que parecia impossível de suportar. Era difícil acreditar que alguém tão cheio de vida, tão vibrante, pudesse simplesmente desaparecer. Ainda hoje, penso naquele sorriso e no jeito como ele me chamava de "Baby".

Scott foi mais do que um homem que cruzou meu caminho; ele foi a personificação de um amor puro e inesperado. Ele me ensinou a me abrir para a vida, a confiar, a sorrir mais, e a perceber que conexões verdadeiras transcendem o tempo e o espaço.

Embora tenha partido cedo demais, ele permanece comigo em cada memória, cada palavra e cada olhar que trocamos. Às vezes, penso que com ele morreu a minha única e verdadeira história de amor. Mas outras vezes, sinto que o amor dele ainda vive, guardado dentro de mim, como uma luz que nunca se apaga.

Diana Valentim



Meu nome é Diana Valentim, sou socióloga, pedagoga, orientadora educacional e terapeuta integrativa. Acredito no poder da educação e do autocohecimento, e trabalho todos os dias para impactar positivamente as pessoas ao meu redor. O desejo de escrever sempre fez parte de mim, e acredito que minhas palavras podem tocar e transformar vidas. Sou uma sonhadora romântica e adoro escrever sobre histórias de amor, minhas experiências de vida como mulher, maternidade e acredito que podemos criar filhos melhores para o mundo.



COM SABOR DE FÉRIAS

Das minhas memórias mais preciosas de infância às que são mais vívidas são as férias.

As de verão eu passava em São Lourenço Minas, na fazenda melhor dizendo, terra das águas.... , me lembro bem das chuvas e da vontade de correr pra fora brincar, me lembro do caramanchão e do balanço , da mesa de ping-pong e das roupas penduradas em cima do fogão a lenha para secar com cheiro de fumaça e da Glorinha nossa cozinheira que era especialista em rosquinha de nata que ela guardava quase em um cofre de tão preciosa e das brevidades que a gente comia com cuidado pra não entalar.

Já as de inverno passava em Teresópolis ou simplesmente Terê, da minha avó Eliána mãe da minha mãe Ánna, sim, com essa sonoridade italiana quase musical do “a”, o friozinho era aquecido pela lareira, mas acima de tudo pelo mingau de maizena com canela que a gente comia pela beira para não queimar a língua e principalmente para esquentar como um colo as memórias que não queremos nunca apagar.

Adriana Burlamaqui



Coordenadora da Cozinha Literária do Sul de Minas. Atuo nas interfaces da Enogastronomia, Turismo Rural e Literário. Integro o Comitê de Internacionalização do TURLIT - SM Cozinheira do KropCafé. @adrianaburlamaqui .



IRENE RIA MAIS ÀS SEXTAS FEIRAS

Ela era uma mulher educada e gentil com todos aqui na empresa. SEMPRE se vestia com elegância!

Mas as sextas-feiras algo diferente acontecia. Todos os funcionários iam embora e ela ficava até mais tarde.

A equipe da limpeza chegava e ela ainda conversava e dava risadas ao telefone.

Depois ia ao banheiro e usava um perfume forte com cheiro de flores.

Era um perfume diferente nunca conheci ninguém com aquele cheiro.

O cabelo sempre preso, agora solto porque era sexta-feira. Quando ela ia embora lá pelas 20h o cheiro dela ficava no banheiro e no elevador.

Algumas vezes fui até a garagem com um pretexto qualquer só para andar no mesmo elevador e sentir aquele perfume.

Ao sair ela sempre me cumprimentava “Boa noite, Sr. José, bom trabalho”.

Ela entrava no elevador, sorrindo com a boca mais vermelha que de costume.

Trabalhei nessa empresa por 15 anos e nunca descobri o segredo de Dona Irene.

Afinal, ela era casada, segundo apurei com a secretária da área. Um dia, tomei coragem e mandei flores vermelhas no dia do aniversário dela.

No cartão escrevi somente: Que perfume bom você usa. Acredito que ela nunca soube quem havia enviado as flores.

Quem seria o homem para quem ela usava aquele perfume e o batom vermelho.

Ele devia ser um homem de muita sorte!

Mudei de empresa e fui transferido para Minas Gerais. Mas toda sexta-feira, ao terminar o dia, a lembrança de Irene voltava à minha mente. Aquele cheiro, de uma mulher muito interessante e misteriosa, a meu ver.

Um dia, passeando distraidamente, com minha família pela cidade de Belo Horizonte num domingo de sol, fui correr atrás do meu netinho Pedro e senti aquele aroma maravilhoso. Parei um instante, parecia o perfume da Irene. Mas aqui tão longe, ela morava no Rio quando a conheci, mas era paulista de nascimento. Fiquei confuso, ou melhor, atordoado.

Irene era bonita, mas não era uma garotinha quando a conheci, ela já deveria ter uns 40 anos. Naquela época, eu tinha uns 30.... Fiz as contas: estou com 60, D. Irene deve ter uns 70 anos... As mulheres se cuidam muito atualmente,

- Será ela ainda está trabalhando? - pensei.

A curiosidade é um fato importante na vida de um homem aposentado, numa quarta-feira qualquer peguei o ônibus e voltei à praça central, sozinho. Andei calmamente pelas alamedas, sentei-me num banco, até acendi um cigarro, hábito que larguei faz tempo. Fechei os olhos e tentei rever o rosto de Irene, a pele clara, o cabelo escuro e o batom vermelho das sextas-feiras.

De repente, senti um arrepio, do nada. Sai do meu devaneio, abri os olhos, vi ao longe uma figura que lembrava a silhueta de Irene. Levantei-

me do banco e fui jogar a gimba do cigarro no cesto de lixo, dirigi-me vagarosamente para onde estava a “quase cópia” de Irene. Tomei coragem e pedi uma informação qualquer...

- Por gentileza, a senhorita sabe onde fica a estação mais próxima do metrô? – falei.

Ela respondeu com um sorriso.

- Estou indo para aquele lado, posso lhe acompanhar?

- Ufa! - agradei e segui com ela...

- A senhorita é da cidade?

- Não! - ela respondeu.

- Estou aqui, visitando minha madrinha por uns dias.

- Me perdoe a ousadia – disse eu...

- Mas a vossa madrinha por acaso se chama Irene?

A moça deu um passo atrás, aterrorizada, e me encarou dizendo:

- O senhor conhece a tia Irene?

- Eu a conheci faz muito tempo, no Rio de Janeiro, trabalhamos na mesma empresa. Dona Irene era da diretoria, eu fazia a limpeza noturna.

- Não é possível???

- A senhorita se parece muito com dona Irene jovem, por isso me aproximei.

A moça continuou calada, me olhando incrédula.

- Você aceitaria tomar um café comigo e eu conto toda história? – perguntei.

Felizmente, a moça era curiosa e conversamos por um par de horas no café próximo ao metrô.

Eu contei como dona Irene me impressionou pela beleza, pela educação e pelo mistério.

A sobrinha ficou muito surpresa com a minha história, disse que Irene já tinha quase oitenta anos e morava numa casa bonita, com a filha e os netos.

Ela me perguntou se eu gostaria de visitá-la algum dia.

Eu disse que ia adorar rever dona Irene.

A sobrinha me deu um cartão com o telefone celular dela e me disse para ligar na sexta-feira. Ela iria comentar com a tia Irene sobre mim.

Voltei para casa exultante! Mas pensei o que vou dizer a Irene “*eu adorava o perfume que a senhora usava*”.

Na sexta-feira, mandei mensagem para a sobrinha, que se chamava Isabela. Ela respondeu prontamente e disse que a tia me esperava para o chá às 17h.

Isabela me sugeriu levar umas flores para a tia.

Eu tinha pouco tempo para chegar a Belo Horizonte, comprar as flores, e pegar um táxi e chegar para o chá.

Respirei fundo e disse: “José, você não terá outra chance! – Coragem!”

Consegui fazer tudo a tempo, às 17h, estava à porta da casa amarela onde morava Irene, minha musa de muitos anos.

Irene abriu a porta, segurando uma bengala, muito magrinha, mas muito risonha:

- Olá, Sr, José! Quanto tempo, né?

Precisei camuflar minha emoção! Fiquei com os olhos cheios d'água. A tarde foi muito divertida; o chá estava ótimo, Irene adorou as margaridas que eu levei.

Voltamos a nos encontrar ainda muitas vezes, às sextas-feiras, com flores e chá!

Quando Irene faleceu, Isabela, a sobrinha, me mandou mensagem, fui ao enterro de Irene aos prantos, parecia que eu era seu amante.

Irene nunca me olhou de forma interessada, mas eu concluí que fui apaixonado por ela todos esses anos sem saber. Irene foi uma mulher inescutível por sua atitude, confiança e elegância.

Bebel Pozzi



Bebel Pozzi nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil. É graduada em Literatura brasileira e inglesa pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez especialização em Português como língua estrangeira e trabalha como professora de português para executivos estrangeiros. Os livros sempre foram seus companheiros desde a infância. Ela escreve desde os 18 anos; diários, crônicas e contos curtos. Bebel recentemente publicou um livro infantil “A garota que amava beterraba” pela editora “Ases da Literatura”. Email: isabelcpozzi@gmail.com | Instagram: [bebel_pozzi](https://www.instagram.com/bebel_pozzi). | Facebook: [Bebelpozzi](https://www.facebook.com/Bebelpozzi).



LUCKY

Há uma expressão francesa que fala sobre destinos influenciados pelo poder de uma explosão. “Coup de Foudre” que pode ser traduzida literalmente como “golpe de raio” ou metaforicamente como “golpe de sorte”.

E foi assim, com um estrondo, que essa história começou.

Naquela noite de lua cheia, a brisa fresca soprava pelas ruas atribuladas da capital, a selva de pedras estava circunvalada por árvores com flores avermelhadas exalando o característico aroma adocicado. A jacarandá na esquina sussurrava que em instantes tudo iria mudar, mas Luna não sabia, apenas havia parado para fotografar e ter seu caminho atrasado para o que estava prestes a encontrar. Ela adorava flunar por aquelas ruas sob a luz da lua e das estrelas, e por um instante agradeceu mentalmente por não ter cancelado os planos de viajar. Mesmo que tivesse chegado com atraso de alguns dias e na companhia da família, ainda assim era uma viagem rápida a trabalho, envolvendo livros, encontros e autógrafos. Tudo o que precisava para tentar se reconstruir, afinal, escrevia sobre amores arrebatadores, acalentava corações com a esperança de que amar e ser amado era um direito de todos, mas na vida real não era bem assim. Ao menos, não mais.

Após passar meses recolhendo os próprios cacos, reconstruindo-se em silêncio depois de um relacionamento que a havia estilhaçado, decidiu que o amor ficaria de fora de sua vida. Por um tempo seria a sua única prioridade e o romance, exclusivo das páginas de seus livros. No entanto, não esperava que o destino tivesse outros planos e naquela noite, uma explosão seria capaz de mudar caminhos e fados.

Segundos podem revolucionar destinos traçados ou conectar histórias entrelaçadas, até as que indo contra todas as probabilidades tinham seus caminhos diariamente desviados, como se um fio se esticasse até Eros proferir sentença e lançar sua flecha fulminante. Forças da natureza não pedem licença e o estrondo de um raio pode definir encontros predestinados.

O atraso de Luna não era mero acaso, o hotel desconhecido selecionado por obra do destino tinha segredos a serem revelados sob as sombras do lobby. Ela sentiu um arrepio e o frio na barriga lhe avisava que algo estava prestes a acontecer. Na escuridão, subia os degraus depressa, o corrimão frio deslizando sob seus dedos trêmulos. O cheiro de fumaça ainda impregnado no ar, misturado ao gosto metálico do medo. Cada estalo distante fazia o seu coração disparar mais um pouco. Não havia fogo, ela sabia, mas a escuridão nas escadas fazia sua mente sussurrar memórias que não queria reviver.

A placa do seu andar surgiu à frente, mergulhado na penumbra, como tudo ao seu redor. Hesitou por um instante, respirou fundo antes de seguir e abriu a porta. No corredor, o silêncio parecia mais denso, mas uma fresta de luz pálida e dourada que escapava da porta entreaberta de um dos quartos, tingia o chão escuro com um brilho aconchegante.

E ali estava ele.

Um rosto recém descoberto, um sorriso suave, hesitante, mas acolhedor, como um convite silencioso para se aproximar. Ela sorriu, sentindo certa familiaridade e depois de uma conversa desajeitada na porta do quarto, não imaginou que aquele havia sido um instante que ficaria eternizado em suas memórias.

“Quem é esse homem?”, pensou ao se apoiar na porta fechada. A única coisa que sabia sobre ele era que estava hospedado com os pais, assim como ela estava com a família. Nada mais. Quem era, onde morava, o

que fazia, eram detalhes ocultos que acreditou jamais descobrir, afinal: Qual seria a probabilidade?

Trocaram algumas palavras, comentaram sobre o ocorrido e minutos depois já estava deitada em sua cama. Todos estavam bem, havia sido a explosão de um dos geradores da quadra. A escuridão persistia e o seu sono não vinha. Fechava os olhos e a covinha vinha à sua mente teimosa, a voz rouca e melódica preenchia seus pensamentos e não podia negar que aquele desconhecido havia feito seu coração errar uma batida. Escondeu o rosto no travesseiro e tentou abafar qualquer sentimento teimoso que ouzasse se infiltrar em sua mente. Ela não tinha tempo para *aquilo*, não mais. No entanto, por mais que tentasse ignorar, o pensamento se infiltrava sorrateiramente, como uma sombra sempre à espreita. Estavam separados por uma frágil parede e isso fazia seu estômago se movimentar de uma forma que ela não gostava. Depois de muito revirar na cama, desistiu de dormir e ao invés de insistir no sono, sentou-se e escreveu até o dia amanhecer.

Luna costumava priorizar o seu sono e evitava cafés da manhã de hotéis, mas naquela manhã, como não havia dormido, acompanhou sua mãe. No fundo, torcia para que o encontrasse mais uma vez, mas já estava começando a achar ridícula a direção que seus pensamentos estavam tomando. Provavelmente nunca mais o veria e estava tudo bem com isso, quem sabe houvesse sido apenas um encontro para inspirar as suas histórias. Afinal, tinha um livro, que estava com o prazo atrasado, para entregar para a editora. Apenas uma inspiração aleatória era o que ela queria, não é? Estava cansada de amores passageiros, então o melhor seria realmente nunca mais vislumbrar aquela covinha.

Soltou a respiração ao entrar na sala do café e não o encontrar, de certa forma aliviada por manter tudo aquilo apenas no plano platônico.

No entanto, meus caros, como em uma peça de teatro, essa história é dividida em atos, o destino escreve certo por linhas tortas e mais uma vez lembrou Luna de que quem joga os dados é ele. Não ela. Nem o belo desconhecido.

Terceiro ato, em ritmo de samba enredo, Luna fechou o livro que estava lendo e antes de sair encontrou o senhor com sorriso doce que havia conhecido na noite anterior. O pai do desconhecido. Se aquilo era um sinal, ela não percebeu, mas no instante em que o homem lhe contou que moravam na mesma cidade, sentiu seu coração errar duas batidas. Em minutos ficou sabendo mais sobre aquela família e sorriu ao perceber que já estava mergulhada nas tais coincidências que tanto repudiava. Não acreditava no acaso, mas não duvidava do poder do destino, afinal, já havia tido muitas provas de que ele não brincava em serviço.

E mais uma vez, lá estava ele, parado com as mãos nos bolsos e exibindo a covinha solitária. Ela balançou a cabeça e retribuiu o sorriso. Enquanto todos interagiam, evitava seu olhar que cintilava com faíscas de algo inexplorado. Ele se aproximou e em meio a trocas de informações – ele era advogado que trabalhava próximo ao café em que semanalmente ela frequentava, ela contou que era escritora e que estava morando há pouco tempo na cidade em que ele havia nascido e agora residia. *E mesmo assim, eles nunca haviam se encontrado, naquela cidade de interior em que todos se conheciam* –, de forma arrebatadora sentiu uma energia crepitante percorrer o seu corpo. Obviamente, tentou ignorar e quando ele se aproximou mais um pouco, quis abafar o sobressalto que seu coração deu. Afinal, Luna não tinha tempo para os sentimentos, como bem sabemos que repetia incansavelmente para ela mesma, como se tentasse se convencer de uma besteira dessas. Enquanto isso, o destino gargalhava e jogava os dados, como quem se diverte ao brincar com as linhas da vida.

— Qual o teu nome?

— Luna. E o teu?

— Lucien.

Sorriram, trocaram mais algumas palavras e se despediram. Ela foi embora, dessa vez subiu as escadas com um sorriso no rosto e um movimento involuntário e irritante no âmagô de seu estômago. Se ele havia a seguido com o olhar? Talvez nunca viesse a descobrir, mas naquele instante soube que não importava o quanto tentasse se convencer do contrário, não importava quantos muros erguesse ao redor do coração, algo dentro dela já havia sido tocado. Algo que não poderia ser desfeito.

Fim do terceiro ato.

Luna sorriu ao pensar em um epílogo para aquela história que viraria um conto, porém desistiu de tentar brincar de adivinhar o futuro e deletou aquelas letrinhas minúsculas que já formavam meia página do bloco de notas.

Algumas semanas depois, já em casa, o destino seguia jogando os dados e Lucien apareceu em sua timeline. Ela hesitou, não acreditou que seria simples o encontrar, mas ali estava o mesmo sorriso suave e a covinha solitária, na sua frente através de uma tela. Relutou por alguns dias, até que por culpa de um sonho em que Lucien aparecia abanando para ela, acordou e o adicionou. Não era possível que o destino estivesse sendo tão pé no saco assim, de graça. Para a sua surpresa, em seguida o celular apitou e... era ele.

Lucien. Luc. *Lucky*.

Luna deu risada da situação e se permitiu seguir o fluxo, afinal, era isso que as suas personagens faziam. Quem sabe tenha sido um golpe de sorte orquestrado pelo destino ou apenas um encontro predestinado com motivos ainda não desvendados, mas no fundo sabia que alguma coisa era.

“Não poderíamos ignorar tantas sincronicidades”, ele disse.

“Inverossímil demais para escrever sobre isso”, ela pensou. Mas enfim entendeu que algumas histórias não nascem para serem escritas, e sim vividas.

O fio do destino seguia emaranhado, mas as forças da natureza os empurravam na mesma direção. Os próximos capítulos seriam escritos pelo destino, no entanto, sabiam que aquele último sorriso não era o ponto final. Resta saber se um raio cai duas vezes no mesmo lugar e se essa seria uma história aos moldes de Chekhov ou uma comédia romântica que assistimos em uma tarde chuvosa de domingo.

Que rufem os tambores e o destino faça as suas apostas, pois quando Eros decide se juntar ao cosmos, nunca sabemos qual será o desfecho de um conto ou uma canção.

Luana Schrader



Luana Schrader é autora de romances mágicos e leitora voraz de livros de romance com altas doses de fantasia, acredita que é através da literatura que a magia acontece e tudo torna-se possível. Escreve ao lado de uma fada canina chamada Anja; é influenciada pela lua e pelas estrelas, acredita em destino e na magia do universo. Formada em Moda e em Escrita Criativa, começou a sua carreira literária em 2019, participando de inúmeras coletâneas nacionais e internacionais. É autora de *Serendipity* (2021); *Fios do Destino* (2022); *De repente, Natal* (2022); *Felizes agora e para sempre* (2023) e *Onde as fissuras brilham* (Previsto para o primeiro semestre de 2025). Em 2023 recebeu o Prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros e participou do Salão do Livro de Genebra (Suíça); em 2024 foi consagrada com o Troféu Fernando Pessoa de Literatura, e recebeu o Prêmio Parisiense de Literatura e Artes. Acompanhe a autora pelas redes sociais (@luanaschrader) e pelo site luanaschrader.com.br.



UM CAMPO DE GUERRA

A vida é feita de reviravoltas e, às vezes, o que parece ser um campo de guerra se transforma em terreno fértil para o renascimento. Essa é a história de Alégna, que, em meio a um redemoinho de desafios, encontrou a força e a coragem para reescrever seu destino.

Alégna deixou a casa de sua mãe machucada e sem rumo. O que deveria ser um novo começo em um bairro diferente logo se transformou em um pesadelo. O namorado que parecia um salvador, com promessas de amor e estabilidade, revelou-se um homem consumido pela obsessão e pelo vício. Em vez de flores, o jardim do seu coração floresceu com espinhos, e cada dia era uma batalha para manter a dignidade.

A casa que construíram juntos, com ela comprando todo o material, tornou-se um campo de batalha. Os sogros, cunhados e até a afilhada se tornaram soldados desse exército que atacava Alégna com palavras duras, agressões físicas e olhares de reprovação. Eram constantes invasões à sua privacidade, varrendo qualquer vestígio de paz que ela tentasse cultivar. Pedidos de desculpas eram um ciclo interminável, como um disco quebrado que, embora promissório, nunca mudava a melodia do sofrimento.

E um dia, quando pensou que o horror havia atingido seu ápice, a mãe de seu agressor abriu um buraco na parede, uma ação simbólica que parecia revelar todas as atrocidades escondidas em sua vida. A medida protetiva que deveria protegê-la se transformou em uma ironia amarga, pois ela se sentia mais vulnerável do que nunca. O conselho dos policiais, em vez de trazer alívio, apenas reafirmou sua impotência: "Se eu fosse você, sairia", disseram, como se ela já não soubesse disso.

Com a determinação de alguém que já havia enfrentado tempestades emocionais, Alégna tomou uma decisão. Em setembro de 2023, ela empacotou

suas memórias, sonhos e até algumas frustrações e saiu sem destino, levando na moto o que conseguia carregar. O que poucos sabiam era que ela deixava não só uma casa, mas também um campo minado de feridas abertas.

O tempo passou, e Alégna encontrou abrigo em seu irmão e em sua própria força. Escritora nas horas vagas, começou a transformar suas dores em palavras, cada página escrita sendo um passo rumo à libertação. A escrita virou sua terapia, seu refúgio e um meio de desfazer os nós que a vida havia amarrado. Ela queria mais do que sobreviver; desejava viver plenamente. O carinho não correspondido e a luta diária foram se transformando na alavanca que a projetou em direção ao futuro que sempre sonhou.

Agora, ela estuda design de moda, costurando não só tecidos, mas também novas esperanças. Cada ponto que atravessava a linha da costura era, para ela, um aviso à vida de que não desistiria. Andar de moto, uma paixão antes inexplorada, tornou-se um símbolo de sua liberdade recém-descoberta. O vento no rosto representava a força conquistada ao enfrentar seus demônios.

Quando Alégna olha para trás, vê um campo de guerra que, com o tempo, se transformou em terreno fértil. Ali, a dor deu lugar à esperança, e as cicatrizes se tornaram marcas de sua resiliência. Hoje, rodeada de amigos e familiares que a apoiam incondicionalmente, ela encontrou um lar seguro e uma nova paleta de vida. Cada cor representa uma vitória; cada sorriso, um recomeço.

Um novo dia desponta no horizonte, e Alégna não teme os desafios que virão. Com as cicatrizes como parte de sua jornada, ela segue adiante, convertendo cada lágrima em uma determinação firme. Porque, afinal, não é a dor que define a vida de uma pessoa, mas a coragem em se reerguer após cada queda. Neste campo de guerra que se tornou sua história, Alégna encontrou não apenas seu lar, mas também a mulher forte que sempre esteve dentro dela, pronta para conquistar o mundo.

Angela Gabriela da Silva



Angela Gabriela da Silva, 48 anos, Brasileira, Paulista, nascida no mês de setembro, dia 13, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. Solteira, mãe de 3 lindos filhos, Pâmella, Nathália e Arthur, filha de Marília Gabriela e Manoel Luiz, ensino médio completo com certificado de conclusão do Instituto federal do Espírito Santo. Formada em cabeleireira profissional pelo Instituto Embelleze, merendeira escolar, costureira nas horas vagas e motociclista. Estou abraçando as oportunidades de mostrar outras habilidades, "escritora" é uma delas. Espero que gostem! Pois sempre escrevo com muito amor e carinho. Divirta-se também com essa leitura. E obrigada por ler! Beijocas no coração.



“MUSAS QUE NÃO FORAM OUVIDAS”

Quando o Ricardo (nosso querido editor) falou o nome da edição de fevereiro da revista, “Musas”, logo me veio à mente falar de mulheres que não ouvimos no nosso cotidiano quando o assunto é musas. Frequentemente, pensamos em mulheres brancas e belas, com corpos curvilíneos ou esguios e magros. Pensamos apenas na beleza física, esquecendo que uma musa pode, sim, ter outros atributos, como a inteligência. Infelizmente, a sociedade foi construída em cima de estereótipos que não refletem a nossa realidade. Uma realidade marcada por um Brasil escravista, onde seu povo foi constituído por negros escravizados e seus descendentes. Nesse cenário, a mulher negra é protagonista: empoderada, linda, inteligente, trabalhadora, e “mulher” como qualquer outra.

Eu, como historiadora, com base em muitos livros de história já lidos, penso em histórias que os mesmos livros se recusaram a contar. Histórias que atravessam os séculos, trazendo ecos de vozes femininas que jamais deveriam ter sido silenciadas. Sento-me para escutar essas vozes e, entre os murmúrios, reconheço duas mulheres que marcaram a luta e a cultura do povo negro no Brasil: Maria Firmina dos Reis e Tereza de Benguela. Elas, musas esquecidas, resistem ao apagamento, emergindo como farol para quem busca compreender a profundidade do sofrimento e da resistência das mulheres negras.

Maria Firmina dos Reis, nascida em 1822 no Maranhão, tinha a coragem de uma escritora à frente de seu tempo. Mulher negra, pobre e educadora, ela ousou empunhar a caneta para escrever *Úrsula*, o primeiro romance abolicionista brasileiro. Em uma época em que a escravidão era uma realidade cruel, Maria pintou, com palavras, os horrores vividos pelos

escravizados e expôs as desigualdades com uma sensibilidade rara. No entanto, sua obra foi engolida pelo esquecimento, como se o Brasil não estivesse preparado para reconhecer que uma mulher negra podia ser mais do que um corpo submisso. Ainda assim, sua presença persiste. Cada linha que ela escreveu reverbera, como um chamado à memória coletiva, para que nunca esqueçamos que mulheres negras sempre foram criadoras, mesmo quando invisibilizadas.

Tereza de Benguela é outra dessas musas que o tempo tentou apagar, mas cuja força se recusa a desaparecer. No século XVIII, quando o Brasil era moldado pelo ferro e pelo chicote, Tereza liderou o Quilombo do Quiliterê. Ela foi uma rainha sem coroa oficial, mas com uma liderança indiscutível, comandando um povo que lutava pela sobrevivência em um país que insistia em lhes negar humanidade. Sob seu comando, o quilombo tornou-se um refúgio de resistência e autossuficiência, com sistemas próprios de organização política e econômica. A história, no entanto, preferiu lembrar de reis e imperadores que expandiram impérios escravocratas, ignorando a bravura de mulheres como Tereza, que construiu uma nação em miniatura dentro de um contexto opressor.

Quando penso em Maria e Tereza, sinto um misto de dor e orgulho. Dor, porque sei que o silenciamento dessas mulheres faz parte de uma violência histórica contra o povo negro, especialmente contra suas mulheres. Orgulho, porque suas histórias resistem às tentativas de apagamento, como sementes que brotam mesmo em terrenos áridos. Elas são a prova de que o continente africano não é apenas a origem de nossa ancestralidade, mas também a raiz de nossa resistência, criatividade e cultura. Sem África, o Brasil não existiria tal como é.

Hoje, ao escrever, sinto que cada palavra é um ato de reparação. Trazer à tona Maria Firmina dos Reis e Tereza de Benguela é dar voz às musas que não foram ouvidas, é reafirmar que a história do Brasil não pode ser

contada sem a história das mulheres negras. É reconhecer que suas contribuições vão além da inspiração; elas são a espinha dorsal de nossa luta por justiça e liberdade.

E assim, enquanto o vento continua a carregar as vozes esquecidas, que possamos nos tornar aquelas que escutam e as transformam em palavras vivas. Pois as musas que não foram ouvidas não estão mortas; elas aguardam, silenciosas, por quem tenha coragem de contar suas histórias. E eu, como mulher negra e escritora, aceito essa missão.

"As musas que não foram ouvidas não desapareceram; elas sussurram entre as linhas da história, esperando quem esteja disposto a escutá-las."

Ari Göisler

Ari Göisler



Sou Aricele Geisler, natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Cresci na icônica Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo, onde os vastos horizontes e a brisa do mar moldaram minha paixão pela educação e pela escrita. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduada em Psicologia Positiva. Desde pequena, fui imersa em um universo repleto de livros, uma herança dos meus pais, ávidos leitores. Essa convivência despertou em mim um amor profundo pela leitura, que vejo como um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Acredito firmemente que a leitura é o caminho para a construção do conhecimento e, por isso, os livros devem ser acessíveis e democráticos, essenciais para o crescimento de todos. Minha paixão pela literatura me levou a escrever meu primeiro livro infanto-juvenil, "Os Rabiscos Coloridos", publicado em 2021. A aventura continua com meu mais recente trabalho, "O Menino que Tinha Medo de Trovão". Além dos livros, dedico-me à escrita de contos e crônicas sobre os mais variados temas, explorando sempre novas histórias e perspectivas. Instagram: @escritora_aricele_geisler.

A woman with long, flowing blonde hair, wearing a golden crown and a long, flowing golden dress, stands on a stone wall. She is looking out over a coastal city with a large tower and a body of water. The word "ENSAIO" is written in a stylized, white, serif font across the center of the image.

ENSAIO

DO POMO DA DISCÓRDIA À GUERRA DE TRÓIA: HELENA E AS PAIXÕES PROIBIDAS.

Helena, considerada a mulher mais linda do mundo, se tornou também uma das figuras femininas mais conhecidas da mitologia grega por ter protagonizado junto com Páris, príncipe troiano, e Menelau, rei de Esparta, a trama que deu início à guerra de Tróia.

A protegida de Afrodite, deusa da beleza e do amor, era casada com Menelau quando fugiu ou foi raptada por Páris. Helena, tomada pela paixão, seguiu em direção à Tróia deixando para trás seu marido, Menelau, e sua filha, Hermione. A fuga com Páris deflagrou o conflito que reuniu guerreiros e heróis, como, por exemplo, Aquiles, Ájax, Odisseu e dividiu os deuses do Olimpo.

A guerra de Tróia, que durou dez anos, foi provocada por uma série de acontecimentos que, aparentemente sem relação, ao serem associados criaram as condições ideais para que o confronto fosse desencadeado. Entre esses eventos, encontra-se o concurso pelo título da deusa mais bela. A disputa teve início quando se comemorava o casamento de Tétis e Peleu no Olimpo. Nessa ocasião, Éris, deusa da discórdia, por não ter sido convidada para a celebração, lançou um pomo de ouro com a inscrição de que o fruto seria, por direito, da deusa mais bela.

O pomo, que provocou a discórdia, caiu próximo a Hera, Afrodite e Atena e, como a inscrição não tivesse o nome de quem era a deusa mais bela, iniciou-se a disputa. Procurado para decidir quem entre elas mereceria o título, Zeus determinou que Páris fizesse a escolha.

Páris ou Alexandre, que vivia modestamente como um pastor e ainda não havia sido reconhecido como príncipe de Tróia, recebeu a visita de Hermes, o mensageiro dos deuses, acompanhado pelas três deusas.

Intimidado por Zeus, Páris não teve outra alternativa a não ser escolher uma delas como a mais bela, pois caso se recusasse estaria desobedecendo as ordens do soberano do Olimpo e seria punido por ele. Mas, mesmo acatando a determinação de Zeus, ele sabia que sua escolha provocaria a ira das duas deusas que fossem preteridas.

Na tentativa de obter o título, cada uma delas oferecia a ele um prêmio: Atena prometeu ampliar sua inteligência, dando-lhe também coragem, sabedoria e estratégia de guerra; Hera lhe ofereceu o domínio sobre a Ásia; Afrodite, por sua vez, ofereceu a ele a mulher mais linda do mundo.

Sem ter como se esquivar dessa escolha, o julgamento de Páris elegeu Afrodite como a deusa mais bela, o que revelou, na verdade, o seu próprio desejo, o que, de fato, lhe seduzia. Páris não desejava o poder político ou a estratégia de guerra, mas queria viver a paixão com a mulher mais linda do mundo. Em Ovídio, nas *Heróides*, a carta de amor que ele endereça a Helena diz claramente que sua escolha foi pela deusa que mais lhe agradou: “Todas eram dignas da vitória e eu acreditava, como juiz, que todas poderiam obtê-la. Entretanto, logo uma delas me agradou mais; era, saiba, a deusa que inspira o amor. ... “A esposa de Júpiter me promete um trono; sua filha a coragem; duvido se quero ser poderoso ou corajoso.” (Ovídio, 2003, pág.192).

A escolha por Afrodite trouxe como consequência a guerra de Tróia, pois a mulher mais bela era justamente Helena, casada com Menelau, rei de Esparta.

No momento do julgamento, Páris vivia como um pastor, desconhecendo sua origem nobre, ignorando ser o filho caçula de Príamo e Hécuba, rei e rainha de Tróia. Na verdade, ele havia sido abandonado por eles ainda

recém-nascido em função de um sonho premonitório de Hécuba em que ela se via dando à luz a uma tocha que destruía Tróia. Sua filha, a profetiza Cassandra, confirmou que o sonho era uma visão do futuro, o que fez com que Páris fosse abandonado. A criança foi, então, criada por uma família de pastores. Quando ele e Helena se conheceram, Páris já havia sido identificado e reconhecido como príncipe de Tróia.

Outro evento crucial para que a guerra acontecesse foi o acordo proposto por Odisseu aos inúmeros pretendentes de Helena. O trato era de que eles respeitariam sua escolha por um marido e que a protegeriam de um rapto. Quando, então, depois de casada, ela fugiu ou foi raptada por Páris, os generais, reis, príncipes e heróis que disputaram sua mão em casamento se uniram a Menelau, acompanhando-o em direção à Tróia.

Esse pacto entre os pretendentes, o concurso que elegeu a deusa mais bela e a descoberta de que Páris era um príncipe troiano criaram as condições para que o confronto entre gregos e troianos acontecesse.

Há ainda, na tradição grega, a versão de que toda a trama envolvendo Helena, Páris e Menelau foi, na realidade, o pano de fundo para que Zeus provocasse a guerra a fim de aliviar Gaia do peso que carregava. Brandão menciona os Cantos Círios como a fonte dessa versão: “Zeus suscitou a Guerra de Tróia para que houvesse um equilíbrio demográfico. A terra estava habitada por um excessivo número de homens.” (Brandão, 1996, pág. 112).

Helena, que teria sido o pivô do conflito, era filha de Zeus e Leda, rainha de Esparta casada com Tíndaro. O soberano do Olimpo seduzido pela beleza de Leda fecundando-a sob a forma de um cisne, enquanto Leda fora transformada em gansa. Dessa relação, ela concebeu Helena e Pólux e da relação com seu marido, Tíndaro, já sob a forma humana, ela engravidou de Castor e Clitemnestra. Helena tinha, então, Zeus, como pai divino e Tíndaro, como pai humano.

Na versão acima descrita, Helena é uma heroína, porquanto é filha de um deus com uma mortal, mas, segundo uma outra versão, ela teria sido, inicialmente, uma antiga deusa da vegetação, constituindo-se em um símbolo da Grande Mãe. Nesse contexto, entre os ritos de fertilidade da terra, estava inserido o simbolismo do rapto. A exemplo disso, Helena havia sido raptada por Teseu, rei de Atenas, ainda muito jovem. Brandão destaca em Helena, o eterno feminino que: “A antiga deusa Helena serve de paradigma a esse respeito. Primeiramente ligada à deusa da vegetação e da fertilidade, a tindárida possui características comuns a outras divindades, entre as quais Core e Ariadne, que exatamente por terem sido deusas da abundância, foram raptadas, fato este que simbolicamente traduz a morte da vegetação. Seu retorno – porque sempre regressam – expressa sua ressurreição. Para que a semente produza bons frutos faz-se mister primeiro escondê-la nas entranhas da terra.” (Brandão, 2024, pág.81).

Assim também ocorreu com Core, filha de Deméter, deusa do trigo e da terra cultivada, que foi raptada por Hades, tornando-se conhecida como Perséfone, rainha do mundo subterrâneo. Perséfone passou a viver oito meses com sua mãe sobre a terra e os outros quatro meses do ano com Hades no submundo.

Mesmo deixando de ser considerada uma deusa e sendo transformada em heroína, Helena é protegida por Afrodite e, por isso, encarna os atributos e qualidades da deusa da beleza e do amor, tornando-se uma configuração do desejo erótico e, por consequência disso, uma representação da atração que ele exerce.

Helena de Esparta ou Helena de Tróia, com o fascínio de sua beleza divina, suscitava o desejo da conquista nos homens que a disputavam. Seus pretendentes, assim como Menelau e Páris, eram reis, príncipes, heróis, guerreiros e, portanto, homens afeitos à disputa, poder e mando. Helena, por sua vez, era de natureza escorregadia, volátil, enigmática, o que

a tornava ainda mais sedutora aos olhos de seus pretendentes, provocando-lhes também reações imprevisíveis. O próprio Menelau, marido traído e abandonado, após a guerra, foi tomado novamente pela paixão que sentia por ela.

Helena, sendo a “pele humana” de Afrodite, vivenciou a natureza da deusa, tanto na beleza e sedução quanto também nas emoções contraditórias, na volatilidade de seus desejos e em sua entrega a eles, muitas vezes, feita de forma insensata. Helena expressa a essência da deusa, repetindo, inclusive, algumas passagens relativas ao mito de Afrodite, como, por exemplo, o momento em que a deusa se entregou ao desejo pelo mortal Anquises, príncipe troiano; em outra passagem, ela cedeu à paixão por Ares, deus da guerra, mesmo estando casada com Hefesto, o deus ferreiro.

Afrodite nasceu no mar após a castração de Urano, ela é, por sua própria origem, relacionada às águas, símbolo das emoções. Mas as águas de Afrodite podem ser, em muitos momentos, turvas e violentas, provocando a loucura e a cegueira da paixão.

Helena, espelhando a natureza da deusa que é símbolo do desejo amoroso e sexual, seguiu seus passos ao despertar e também sentir o encantamento e a intensidade da paixão. Ela cedeu ao desejo proibido por Páris, abandonou sua terra, marido e filha para viver ao lado dele, o que provocou uma guerra que fez inúmeros mortos e que, sobretudo, mudou o curso do destino de muitas vidas como ocorreu, por exemplo, com Hécuba, a própria mãe de Páris. Com as mortes do marido e dos filhos, a rainha de Tróia foi transformada em cativa ao final do conflito.

Na tragédia Hécuba, de Eurípides, a viúva de Príamo se encontra devastada por, entre outras dores, ver sua filha, Polixena, ser levada para o sacrifício. Nesse contexto, ela confere à Helena a culpa por seus males ao dizer para o Coro: “Ai! Estou morta, amigas minhas! Se eu pudesse ver neste estado deplorável a lacônia, irmã dos dois Diôscuros, Helena bela!...

Seus olhos fascinantes foram o motivo da perdição de Tróia, antes felicíssima!...” (Eurípides, 1992, pág.176).

Contudo, é também nessa mesma tragédia que o Coro, formado por mulheres troianas feitas escravas após vitória dos gregos, responsabiliza Páris e as deusas pela guerra: “...da insensatez de apenas um troiano saiu a desventura de nós todas... O julgamento do litígio fútil entre as três deusas bem-aventuradas por um pastor de bois do Ida foi a causa da guerra impiedosa e da ruína total de nossos lares! (Eurípides, 1992, pág.183).

Nessa perspectiva, as deusas, movidas pela rivalidade, envolveram-se em uma disputa de poder que desencadeou a guerra de Tróia cujas consequências foram a morte e a destruição de inúmeras vidas. Ao fim do conflito, todas elas continuaram vivendo bem-aventuradas no Olimpo.

Luz e sombra fazem parte da natureza dos deuses gregos que são movidos não apenas por qualidades benfazejas, mas também pela raiva, desejo de vingança, cólera e ressentimento, entre outras emoções humanas. A face sombria de Afrodite aparece, muitas vezes, no desejo proibido, como no caso de Helena e Páris. Ambos se entregaram à paixão, à revelia de suas consequências. Nesse caso, a cegueira provocada pelo próprio desejo gerou a traição de familiares e cônjuges, a deslealdade, a insensatez e a falta de limite que promoveram a destruição e a ruína, causando ao final dessa história o arrependimento e a dor de tê-la vivido.

Os lamentos da própria Helena, no canto III da *Ilíada*, de Homero, parecem demonstrar a culpa e o olhar de condenação que ela direciona a si mesma quando é convidada por Príamo para sentar-se ao seu lado nas muralhas de Tróia a fim de ver seu primeiro marido, seus parentes e também identificar os guerreiros gregos antes da luta entre Páris e Menelau: “... quem me dera ter tido o prazer da morte malévola, antes de para cá vir com o teu filho, deixando o tálamo, os parentes, a minha filha amada ... E é por isso que o choro me faz definhar.” (Homero, 2013, pág. 168).

Príamo, no entanto, nesse mesmo diálogo, momentos antes de ouvir o julgamento de Helena sobre si mesma, a havia absolvido da responsabilidade da guerra: “... pois no meu entender não tens culpa, mas têm-na os deuses, que lançaram contra mim a guerra cheia de lágrimas dos Aqueus. (Homero, 2013, pág.168).

Helena também já não queria mais se entregar a Páris. Sua recusa fica evidente quando Afrodite a direciona ao leito do príncipe troiano após a luta entre ele e Menelau. Helena, no entanto, desafia a deusa ao dizer: “Por isso agora aqui vieste como urdidora de enganos... Em vez disso estima-o sempre e olha por ele, até que ele te faça sua mulher ou até sua escrava! Mas eu para lá não irei...” (Homero, 2013, pág.176). Contudo, ao ser ameaçada por Afrodite, Helena cede; o que indica que mesmo confrontando o próprio desejo ela não resiste ao impulso sexual que a leva a Páris, o que mostra sua natureza contraditória.

Uma outra versão sobre a trama envolvendo a filha de Zeus, Páris e Menelau, aparece na tragédia Helena, de Eurípides. Nessa história, Hera, a fim de se vingar de Páris por não ter sido escolhida como a deusa mais bela, criou uma cópia de Helena, uma espécie de simulacro, que foi levada à Tróia enquanto a verdadeira Helena foi encaminhada para o Egito. Nesse contexto, Helena se manteve fiel ao marido, jamais o traiu com Páris ou com qualquer outro homem. Com o fim do conflito, o engano provocado por Hera foi desfeito, Menelau adquiriu o conhecimento de que Helena nunca o abandonou e os dois saíram juntos do Egito em direção à Grécia.

No canto IV da Odisseia, de Homero, passados cerca de dez anos do fim da guerra, ela e Menelau aparecem vivendo felizes em seu palácio na Lacedemônia quando recebem a visita de Telêmaco, filho de Odisseu. Telêmaco, já adulto, buscava notícias sobre o paradeiro de seu pai, sem saber se ele ainda vivia. À certa altura, todos os presentes foram tomados pela tristeza por desconhecerem o destino do herói após o conflito. Helena,

então, decidiu colocar no vinho uma droga para tranquilizá-los: “um calmante da dor e do ressentimento, que faria esquecer todos os males.” (Homero, 1981, pág. 40).

A droga, oferecida justamente pelas mãos de Helena, é, entre outras interpretações, uma metáfora do encantamento que a filha de Zeus provoca, tendo o poder de promover a passagem para estados ilusórios de torpor e prazer, distanciados da realidade, os quais ela não apenas convida a entrar, mas também participa.

Isabel Spagnolo



Isabel Spagnolo, jornalista, pós-graduada em História da Filosofia e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuei como professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por quase duas décadas. Sou apaixonada por Tarô, Astrologia e Literatura Grega. Participo, atualmente, de cursos sobre Mitologia e Teatro Grego. Instagram: @isabelspagnolo | E-mail: isabelspagnolo@yahoo.com.br.

Revista **Autorretratos**

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!